

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CLARINHA GLOCK

**EDUCOMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA SOCIAL:
desafios e possibilidades de transformação na Educação e no Trabalho
de Promotoras Legais Populares**

Porto Alegre
2022

Clarinha Glock

**EDUCOMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA SOCIAL:
desafios e possibilidades de transformação na Educação e no Trabalho
de Promotoras Legais Populares**

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:
Prof^ª. Dra. Maria Clara Bueno Fischer

Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação - TRAMSE
Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Conhecimento/CNPq

Porto Alegre
2022

Glock, Clarinha
EDUCOMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA SOCIAL: desafios e
possibilidades de transformação na Educação e no
Trabalho de Promotoras Legais Populares / Clarinha
Glock. -- 2022.
106 f.
Orientadora: Maria Clara Bueno Fischer.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Educomunicação. 2. Tecnologia Social. 3. Práxis
Crítica. 4. Radioweb. I. Bueno Fischer, Maria Clara,
orient. II. Título.

Clarinha Glock

**EDUCOMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA SOCIAL:
desafios e possibilidades de transformação na Educação e no Trabalho
de Promotoras Legais Populares**

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre
em Educação pelo Programa de Pós-Graduação
em Educação da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____

Prof. Dra. Maria Clara Bueno Fischer – Orientadora

Prof. Dra. Rosane Rosa – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Evandro Alves – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Jaime José Zitkoski – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a todas as pessoas que generosamente concordaram em compartilhar comigo suas experiências e conhecimentos. A elas, deixo aqui meu respeito, carinho e admiração:

Às PLPs Filaman, Geiza, Clélia e Tânia Mara que me confiaram suas histórias de vida e concordaram, na época, a inserir a rádio e a educomunicação em seus ativismos, e agora nesta pesquisa.

A Juliano Machado do Nascimento, por suas ideias mágicas e criativas que transformam objetos aparentemente obsoletos em tecnologias sociais com potencial para transformar positivamente a educação, a comunicação e as engenharias. E, através dele, a todos os educadores e educadoras, comunicadores e comunicadoras populares que contribuem para que projetos e lutas por um bem comum e uma sociedade mais ética e justa virem realidade.

Às equipes da organização não governamental Themis - Gênero Justiça e Direitos Humanos, que aceitaram o desafio dos programas de Radioweb em 2013, e que estão dispostas a retomá-los em breve.

Ao apoio e à parceria da direção do Polo Marista de Formação Tecnológica/CESMAR em todos os momentos, incentivando a educação, a colaboração e a sustentabilidade.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Clara Bueno Fischer, pela ousadia de acolher minha proposta de pesquisa, pela sabedoria de enxergar o que há de melhor nas pessoas e na riqueza de uma educação pautada pelo diálogo e pelo reconhecimento das diversidades e diferenças. Por sua delicadeza ao me guiar pelos caminhos dos saberes.

Aos professores Evandro Alves e Jaime José Zitkoski, e à professora Rosane Rosa, pela participação em minha banca, com suas valorosas contribuições.

A colegas do grupo de estudos, pelas importantes sugestões, especialmente a Betânia Cordeiro, pela parceria e generosidade de sua colaboração.

A amigos, amigas e amigues de toda a vida pelos incentivos e, sobretudo, pelo incondicional afeto.

À minha família, por quem tenho um amor imensurável, e que me dá a segurança necessária para eu lutar por justiça e ir atrás dos sonhos possíveis e impossíveis.

A Antônio, meu companheiro e amigo de todas as horas.

RESUMO

Esta dissertação trata da relação entre Educomunicação e Tecnologia Social (TS) e suas potencialidades para contribuir com a transformação na Educação e no Trabalho de um grupo de Promotoras Legais Populares (PLPs). A pesquisa foi produzida através de metodologia de pesquisa qualitativa, com análise de documentos e realização de entrevistas semiestruturadas. Investigou-se a experiência da Radioweb PLPs Vozes em Ação, realizada no período de 2013 a 2016, que utilizou a Tecnologia Social da Rádio Móvel em atividades de Educomunicação junto às PLPs. Os principais conceitos adotados são Diálogo, Práxis Crítica e Trabalho como Princípio Educativo. O objetivo da pesquisa foi investigar as implicações da participação de mulheres do curso de PLPs no projeto de Radioweb com a Rádio Móvel para a transformação social em suas formas de ler e atuar nos seus contextos de vida e de trabalho. Esta dissertação identificou indícios de uma práxis crítica resultante da mediação da TS e de processos de Educomunicação que se somou às práxis anteriores das militâncias destas mulheres em movimentos sociais. Os resultados indicam que esta práxis pode ter acontecido em intensidade diferente, devido às singularidades de suas histórias de vida. Em alguns casos, a TS associada à Educomunicação permitiu problematizar o senso comum e questionar os discursos hegemônicos, contribuindo para ampliar as ações das PLPs na perspectiva de transformação social.

Palavras-chave: Educomunicação; Tecnologia Social; Práxis Crítica; Radioweb.

ABSTRACT

This dissertation deals with the relationship between Educommunication and Social Technology (ST) and its potentialities to contribute to the transformation in education and work of a group of Popular Legal Promoters (PLPs). The research was produced through qualitative research methodology, with document analysis and semi-structured interviews. The experience of Radioweb PLPs Vozes em Ação, held from 2013 to 2016, was investigated, which used the Social Technology of Mobile Radio in educommunication activities with the PLPs. The main concepts adopted are Dialogue, Critical Praxis and Work as an Educational Principle. The objective of the research was to investigate the implications of the participation of women from the PLPs course in the Radioweb project with the Mobile Radio for social transformation in their way of reading and acting in their life and work contexts. This dissertation identified evidence of a critical praxis resulting from the mediation of ST and educommunication processes that were added to the previous praxis of the militancy of these women in social movements. The results indicate that this praxis may have happened at different intensity, due to the singularities of their life histories. In some cases, the ST associated with Educommunication allowed to problematize common sense and question hegemonic discourses, contributing to expand the actions of PLPs in the perspective of social transformation.

Keywords: Educommunication; Social Technology; Critical Praxis; Radioweb.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tudo começa com a fome.....	13
Figura 2 – Poema O Relógio	18
Figura 3 – O vai e vem de saberes na experiência das PLPs Vozes em Ação	35
Figura 4 – Logotipo da Radioweb PLPs Vozes em Ação.....	40
Figura 5 – Juliano, o criador.....	44
Figura 6– A primeira Rádio Maleta.....	44
Figura 7 – A Rádio Móvel.....	45
Figura 8 – PLPs Vozes em Ação – Protagonistas	47
Figura 9 – De volta à escola. Oficinas no Polo Marista de Formação Tecnológica/CESMAR48	
Figura 10 – Modelo de roteiro de entrevista	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABPEducom – Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação

AST – Adequação Sociotécnica

CESMAR – Centro Social Marista

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ONG – Organização não governamental

MIL – Media and Information Literacy (Alfabetização Midiática e Informacional)

NSA – National Security Agency (Agência de Segurança Nacional)

PLP – Promotora Legal Popular

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

TS – Tecnologia Social

UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: TUDO COMEÇA COM A FOME	12
2 PROBLEMA, OBJETIVOS E HIPÓTESE: AS COISAS VÃO E VÊM, NÃO EM VÃO	17
3 REFERENCIAL TEÓRICO	20
3.1 EDUCOMUNICAÇÃO.....	20
3.2 TECNOLOGIA SOCIAL	26
3.3 DIÁLOGO E PRÁXIS CRÍTICA.....	32
3.4 TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO E SABERES DO TRABALHO	33
3.5 HEGEMONIA/CONTRA-HEGEMONIA E SENSO COMUM.....	36
3.6 LUGAR DE FALA	39
4 DE CAÇA-NÍQUEIS A RÁDIO MÓVEL: A TS E SUA RELAÇÃO COM ESTA PESQUISA	42
4.1 A ORIGEM DA PARCERIA ENTRE A PESQUISADORA, A ONG THEMIS E O POLO MARISTA ENVOLVENDO EDUCOMUNICAÇÃO, MOVIMENTO SOCIAL E TRABALHO	42
4.1.1 O surgimento da Radioweb PLPs Vozes em Ação	46
5 METODOLOGIA DE PESQUISA	50
5.1 ENTRE APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS	50
5.2 AS ENTREVISTAS.....	52
5.2.1 As Entrevistadas	53
5.2.2 Roteiro de Entrevistas	56
5.2.3 A seleção dos Documentos Mediadores de Memórias	61
5.2.4 Os Documentos Mediadores de Memórias	64
5.2.5 Análise das Entrevistas	71
5.2.6 Transcrições	72
5.2.7 Mariley	73

5.2.8 Suzana	75
5.2.9 Keka	78
5.2.10 Tamara.....	82
5.2.11 Considerações sobre as entrevistas individuais	85
6 CONCLUSÕES.....	89
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXO A.....	96
ANEXO B.....	99
ANEXO C.....	100
ANEXO D.....	101
ANEXO E.....	103
ANEXO F.....	104
ANEXO G.....	105
ANEXO H.....	106

1 INTRODUÇÃO: TUDO COMEÇA COM A FOME

Esta dissertação de Mestrado é de certa forma, também um resumo de parte de minha trajetória de vida e profissional de 30 anos. A frase que dá título à Introdução foi tirada de um cartaz (Figura 1) que se refere ao jornal Boca de Rua, publicação feita e vendida por pessoas em situação de rua de Porto Alegre (RS) da qual participei como fundadora e supervisora durante sete anos. Está impressa em letras vermelhas sobre fundo preto, em dois idiomas – português e inglês -, e abaixo dela vê-se a foto em branco e preto de um homem cuja cabeça não se enxerga, está encoberta pelo breu. Ele está sentado sobre a grama, braços abertos apoiados no chão atrás do tronco, camiseta levantada até o pescoço para deixar à mostra uma cicatriz de facada no abdômen desnudo. Veste uma calça e botinas como as do Exército. Abaixo dele, entre dois sinais de igualdade em cor branca, com uma boca vermelha escancarada em vez da letra “o”, está o logotipo em letras brancas do Boca de Rua, e embaixo, em letras menores de cor branca, a identificação: Porto Alegre/Brasil.

Figura 1 – Tudo começa com a fome



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Desde 1998, quando comecei a participar das discussões sobre como usar as ferramentas da comunicação para fazer Jornalismo fora das grandes empresas, e ajudei a fundar o Jornal Boca de Rua, até 2022, quando escrevo esta dissertação de Mestrado, acumulei experiências e saberes que têm adquirido outros sentidos com o distanciamento no

tempo e com a maturidade. Do final dos anos 1980 até o ano 2000, fui repórter do jornal Zero Hora, tabloide pertencente ao grupo RBS, que, como se sabe, durante anos exerceu o monopólio de rádio, televisão e periódicos no Rio Grande do Sul.

Tive o privilégio de me graduar em Jornalismo Gráfico e Audiovisual na UFRGS em 1987, instituição para a qual voltei 33 anos depois com um novo desafio. Se cheguei à Faculdade de Jornalismo um tanto ingênua, retorno agora para a Faculdade de Educação com muito mais orgulho de fazer parte de uma universidade pública, especialmente no atual momento histórico, quando governantes brasileiros estão destruindo direitos conquistados, entre eles o da educação de qualidade, pública, laica, inclusiva e gratuita. Além disso, os estudos em nível de Mestrado estão sendo realizados em um período em que ficaram mais escancaradas as desigualdades sociais e as disputas de narrativas utilizando as tecnologias e os meios de comunicação – que sempre foram usados, aliás – como arma política em nome dos interesses econômicos de quem detém o poder. O impacto na vida de milhares de pessoas com a pandemia de Covid-19 atingiu meu processo de escrita da pesquisa, bem como as tragédias advindas de cortes de direitos trabalhistas, na saúde, na cultura, em políticas visando à desestruturação da educação popular pelo governo vigente.

Minhas práticas ouvindo histórias, memórias, sabedorias de pessoas nas reportagens e no contato com movimentos sociais haviam me deixado um tanto cética em relação a trabalhos acadêmicos que muito teorizam e pouco oferecem de retorno para a sociedade, assim como me causam revolta as reportagens que ganham prêmios falando da miséria e da dor alheia, sem reverter em questionamentos, ações ou políticas públicas que possam efetivamente provocar mudanças para melhorar ou apontar caminhos em relação aos problemas nelas descritos. Eu era aquela jornalista que, após receber um pedido de entrevista a ser feita comigo ou com as pessoas em situação de rua que faziam parte do jornal Boca de Rua, perguntava: “Ok, mas vocês vão dar um retorno para o grupo, depois, do que vocês vão escrever sobre eles?”

A preocupação com a ética e com a responsabilidade social me acompanha desde que ingressei no mercado profissional, nos anos 1980, ao perceber a superficialidade nas abordagens da mídia – e de alguns de meus textos, inclusive – nas entrevistas com pessoas em situação de rua, de abandono, entre tantas violências; tratando temas como miséria, pobreza, fome, drogas, preconceitos, racismo, misoginia; e escrevendo sobre o direito à moradia, à educação, à saúde, ao transporte, à cultura, ao lazer, ao trabalho, à comunicação.

Neste intervalo de mais de 30 anos busquei implementar o Jornalismo chamado cívico,

comunitário, alternativo, “de soluções”, em suas aproximações com a Educação Popular. De alguma forma todos estes campos convergem para a Educomunicação. Meus primeiros contatos com o conceito e as práticas de Educomunicação foram através do professor Ismar Soares e da professora Grácia Lopes em cursos e congressos sobre o tema. Através da leitura da obra de Cicilia Maria KrohlingPeruzzo (1998), descobri Mario Kaplún e a comunicação popular por meio do Cassete-Fórum, sobre os quais vou falar no capítulo em que trato da Educomunicação.

Em 2010 cursei uma pós-graduação na Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha. O curso “Comunicação para Conflitos e para a Paz” ampliou minha visão de mundo e me deu a certeza de que há muitas trocas a fazer com o meio acadêmico. Estudei sobre os meandros da geopolítica com professores de diferentes nacionalidades, refleti e discuti a partir de análises profundas sobre a situação política global e suas consequências sociais, culturais, econômicas para cada país, em contato direto com professores, com representantes de organizações não governamentais, e com integrantes de movimentos sociais atuantes em nível local e internacional na defesa de direitos humanos. Mergulhei na análise crítica da comunicação com exemplos concretos, e convivi com figuras como o prêmio Nobel da Paz Adolfo Pérez Esquivel em um curso na Escola de Cultura de Paz, que ele ajudou a fundar, e com quem tive a chance de conversar.¹ Em Barcelona, participei como ouvinte das reuniões da Rádio Nikosia, exemplo de um potencial transformador do uso da ferramenta rádio no campo da saúde mental².

Entre 2010 e 2020, paralelamente ao trabalho como jornalista autônoma, passei a me dedicar às Oficinas de Leitura Crítica da Mídia em escolas, junto a grupos da periferia e em universidades. Descobri a TS da Rádio Móvel, que compõe esta pesquisa. Com esse equipamento, sigo fazendo experiências em áudio. As gravações com a Rádio Móvel não visam ao lucro, ou a números recordes de audiência como os atualmente populares “podcasts” (que também são mídias de áudio), mas a processos de mediação junto com a Educomunicação.

¹ A entrevista foi publicada pela agência de notícias InterPress Service (IPS) com o título “O mundo precisa de novo contrato social”. Disponível em: <http://www.ipsnoticias.net/portuguese/2010/08/america-latina/o-mundo-precisa-de-novo-contrato-social/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

² No site da Rádio Nikosia na Internet, seus organizadores explicam que “es un dispositivo, un colectivo y una asociación formada por personas con y sin itinerarios medicalizados de sufrimiento: hay artistas, economistas, filólogos, escritoras, poetas, dietólogos, profesionales de la duda, psicólogos, educadores, antropólogos y un gran etc. Desde aquí se reivindica como un lugar social en el que la lucha evita los exclusivismos identitarios forzosos para abrirse a la pluralidad necesaria en todo encuentro que intente abordar lo complejo”. Mais informações e programas estão disponíveis em: <https://radionikosia.org/es/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

Em 2019, tive a oportunidade de encontrar acolhida da professora Maria Clara Bueno Fischer na Faculdade de Educação, e de seu afetuoso e entusiasmante grupo de orientandos e orientandas do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Conhecimento (UFRGS/CNPq). Ao contextualizar esse emaranhado de sentimentos, pensamentos, conhecimentos e reflexões que foram se sucedendo, passando pelo encontro teórico com autores como Álvaro Vieira Pinto, Paulo Freire, Raymond Williams, Edward Thompson, Yves Schwartz, durante as aulas no Mestrado, reconheço o valor da pesquisa científica. Enalteço o diálogo formador e transformador, como propõe Freire, e a importância de unir teoria e prática, alcançando a práxis, para que se façam as pequenas e grandes revoluções na perspectiva de sociedades justas e democráticas.

Esta dissertação é multimídia em sua construção, documentação e registros. Assim como a memória e as experiências existem dentro de nós em mais de uma dimensão, eu não poderia deixar de fora as ligações (*links*) para áudios e vídeos em que fui registrando ao longo do tempo todas as ideias e experiências de trabalho aqui mencionadas. São documentos públicos – estão na Internet – e objeto de análise, além das bibliografias e de entrevistas semiestruturadas.

2 PROBLEMA, OBJETIVOS E HIPÓTESE: AS COISAS VÃO E VÊM, NÃO EM VÃO

Conforme informado no resumo, esta pesquisa trata dos desafios e possibilidades de transformação na Educação e no Trabalho de Promotoras Legais Populares utilizando como mediação a Educomunicação e uma Tecnologia Social, no caso, a Rádio Móvel. A transformação a que me refiro tem a ver com uma ação e reflexão críticas sobre a totalidade da História vivida por estas mulheres, nas lutas contra as opressões, em busca de uma sociedade mais justa e humana, ética e responsável. Trata-se de uma transformação emancipatória. Utilizei a metodologia de pesquisa qualitativa, com seleção de documentos para ativar a memória das participantes, e entrevistas semiestruturadas. A experiência analisada é a da Radioweb PLPs Vozes em Ação (2013-2016). Os principais conceitos que compõem o referencial teórico são Diálogo, Práxis Crítica e Trabalho como Princípio Educativo.

Do poema *O Relógio*, de Oswald de Andrade (Figura 2), veio a inspiração, porque foi justamente o tempo decorrido desde o projeto de Radioweb com as PLPs que proporcionou o amadurecimento de ideias e possibilidades de estudo frente às situações vividas. O ponto de partida foi uma curiosidade: qual é a contribuição de experiências formativas, orientadas pela abordagem da Educomunicação e com o uso de uma TS, para o trabalho e a educação das pessoas que delas participam?

Figura 2 – Poema O Relógio



Legenda: muro da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Altamira, Pará. Registro feito em novembro de 2019, durante o evento “Amazônia Centro do Mundo”

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Esta questão emergiu de uma constatação que foi se fortalecendo com a escuta dos programas gravados utilizando a TS da Rádio Móvel e a Educomunicação, dos quais o projeto da Radioweb PLPs Vozes em Ação foi pioneiro. Ficou evidente, ao ouvir novamente as gravações feitas pelas mulheres para a rádio, que trabalho e educação são um elo em comum em suas existências pautadas pelo ativismo social.

Os exercícios de leitura crítica dos meios de comunicação propostos durante a experiência da Radioweb abordaram temas como violência, cultura, migração, desemprego, preconceitos, racismo, em situações trazidas para a Radioweb na forma de comentários sobre novelas, noticiários, e relatos de conversas com colegas, vizinhos, parentes, amigos e amigas. Os conteúdos dos programas resultaram de reflexões e discussões coletivas sobre suas vivências como PLPs e no trabalho formal em serviços gerais, faxina, trabalho doméstico. As conclusões a que chegaram após debates feitos nos bastidores e no processo de execução dos programas teriam sido incorporadas pelas PLPs em sua vida pessoal, ou fora do espaço da rádio, nas ações nos bairros, no atendimento a populações vulneráveis, ou nos conselhos de assistência social e saúde das regiões em que atuavam?

Minha investigação tentou identificar se essas trocas foram significativas para promover um pensar mais aprofundado sobre suas ações nos ambientes de trabalho e de

educação no período do projeto da Radioweb, e ainda o são na atualidade. Para responder à pergunta da pesquisa, refiz os caminhos que levaram as estratégias da Educomunicação e o uso da TS para quatro PLPs, mulheres líderes comunitárias que participaram dos programas de Radioweb PLPs Vozes em Ação (2013-2016) e cujas produções em Radioweb estão disponíveis de forma pública.

O objetivo geral foi investigar se esta participação promoveu alguma mudança na práxis destas PLPs, e identificar como se manifesta no confronto com o senso comum e com os discursos hegemônicos, diante de novos contextos como o Colonialismo de Dados. Parti da hipótese de que o uso de TS, quando associado à Educomunicação, poderia contribuir significativamente neste sentido, potencializando sua inserção no mundo do trabalho e da educação numa perspectiva de transformação emancipatória.

Como objetivos específicos, busquei sistematizar esta experiência e criar precedentes para ampliar o uso mediador da Educomunicação e da TS. Tentei, em um sentido mais amplo, promover uma aproximação desta teoria e prática com o campo do Trabalho e dos Movimentos Sociais, utilizando como base as referências de Educação Popular de Paulo Freire e de Comunicação Popular de Mario Kaplún.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Minayo (2013) lembra que conceitos são as “vigas mestras” de uma construção teórica, e permitem ordenar fatos, relações e processos sociais. São historicamente construídos e devem ser analisados em sua origem e percurso de forma crítica. Através de categorias por ela definidas como conceitos classificatórios, é possível encontrar unidade em uma diversidade e produzir explicações e generalizações.

Para Minayo (2013), as categorias empíricas emanam da realidade, do seu uso pelos atores sociais, que lhes dão sentido em suas relações e aspirações. Cabe ao investigador compreender e valorizar essas categorias, à medida que desvenda o objeto pesquisado.

Nesta pesquisa, busco me aproximar de dois campos de estudo: a Educomunicação (a que acrescento Popular, tendo em vista sua aproximação com o campo da Educação Popular), e a Tecnologia Social, tentando estabelecer como elo comum o fato de serem mediações pelas quais as PLPs se apropriaram da realidade. Para analisar os documentos coletados, elaborar as perguntas das entrevistas semiestruturadas e interpretá-las, adotei como referencial teórico o conceito de Diálogo e Práxis em Paulo Freire e o Trabalho como Princípio Educativo, em Miguel Arroyo. Feitas as articulações entre os fatos, os dados e os referenciais teóricos, senti necessidade de acrescentar os conceitos de hegemonia e contra-hegemonia, senso comum, Colonialismo de Dados, e lugar de fala para ajudar nas interpretações das análises.

3.1 EDUCOMUNICAÇÃO

Ao longo da produção da dissertação assumi a hipótese de que a Educomunicação e a TS podem ter efeitos emancipatórios no Trabalho e na Educação. Esta hipótese foi forjada na prática, num primeiro momento e, posteriormente, na teoria. Unindo estes dois campos de estudos, com o tempo fui dialogando com alguns autores. É neste diálogo que os documentos gerados pela Radioweb PLPs Vozes em Ação, e as entrevistas, foram analisados de forma mais sistemática para responder à pergunta problematizadora. Neste capítulo, busco em Paulo Freire e Mario Kaplún, referências na América Latina, as bases da Educomunicação para chegar à práxis e ao pensamento crítico.

Até o dia 14 de março de 2021, quando fiz o projeto de minha qualificação, haviam

sido divulgadas 277.102³ mortes por Covid-19 no Brasil. Naquela mesma data, os meios de comunicação lembraram os três anos do assassinato da vereadora Marielle Franco no Rio de Janeiro. Até 28 de junho de 2022, enquanto escrevia esta dissertação, as mortes por Covid-19 já somavam 671 mil pessoas, sendo que os números podem estar subnotificados, e há centenas de outros novos crimes impunes no país. A Educomunicação pressupõe relevar o contexto histórico em que estão imersos seus/suas protagonistas. Assim, nesta pesquisa que utiliza a Educomunicação como mediação para chegar à práxis crítica, fazem parte deste contexto histórico: 1) as ações do presidente da República Jair Bolsonaro, acusado de genocídio frente ao Tribunal Penal Internacional, entre outras razões, por não ter adotado medidas de proteção da população contra a Covid-19, como a disponibilização de vacinas⁴; 2) a disputa de narrativas de desinformação (*fake news*) utilizando os meios de comunicação; 3) a precarização do trabalho resultante de políticas contra os direitos trabalhistas, do desemprego; 4) os cortes de gastos públicos nas áreas de educação, saúde, cultura; 4) a emergência climática decorrente da destruição do meio ambiente, da exploração insustentável dos recursos naturais do planeta, cujos resultados implicam no surgimento da Covid-19 e de outras doenças que matam ou deixam sequelas graves em animais, plantas e pessoas; 5) a impunidade nos crimes contra defensores e defensoras de direitos humanos, contra a humanidade; 6) a desigualdade econômica, social, racial, de gênero, sexo etc.

Ora, as mulheres que são objeto desta pesquisa tiveram Covid-19, atuaram ou atuam contra a desigualdade social, e sofrem os efeitos da desinformação pelos meios de comunicação hegemônicos e por novas formas de manifestação do Capitalismo, o Colonialismo de Dados ou Digital, como explico mais adiante. A TS utilizada – a Rádio Móvel – é resultado de uma ação criativa visando à sustentabilidade, com reaproveitamento de equipamentos considerados obsoletos ou descartáveis. Logo, se insere em medidas de contenção da emergência climática. As PLPs adquiriram esse título (Promotoras Legais Populares) após fazer um curso que defende direitos e discute diretamente a violência contra mulheres. Crimes impunes, principalmente contra defensores e defensoras de direitos humanos, incentivam a continuidade de violências.

No Brasil, a interface entre Comunicação e Educação tem suas origens nos movimentos sociais da metade do século XX, que lutavam por meios de expressão na

³ Dados disponíveis e atualizados diariamente em: <http://bit.ly/2NmMoSk>. Acesso em: 14 mar. 2021.

⁴ Disponível em: <file:///D:/Documents/2021/UFRGS%202021/fontes%20afins/relatorio%204%20conectas.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

América Latina. Paralelamente à busca por afirmação dos meios de comunicação populares, como as iniciativas do comunicador Mario Kaplún, a educação popular era difundida pelo continente por Paulo Freire. A sociedade tinha urgência em tratar de temas que a grande mídia desconsiderava e a educação não levava em conta, como meio ambiente, democracia, questões étnicas, raciais, de gênero, apontou o professor Ismar de Oliveira Soares (2011), atual presidente da ABPEducom⁵.

A fundação da ABPEducom⁶ em 2012 foi uma consequência do aprimoramento do conceito e da incorporação da Educomunicação ao mundo acadêmico. Para os membros da associação, Educomunicação é definido como um

[...] paradigma orientador de práticas sócio-educativo-comunicacionais cuja meta é criar e fortalecer ecossistemas comunicativos abertos e democráticos nos espaços educativos, mediante a gestão compartilhada e solidária dos recursos da comunicação, suas linguagens e tecnologias, levando ao fortalecimento do protagonismo dos sujeitos sociais e ao consequente exercício prático do direito universal à expressão. (EDUCOMUNICAÇÃO, s/d).

O termo indicaria, assim, segundo a definição da ABPEducom, um campo transdisciplinar de diálogo que possibilitaria reflexões e ações com o objetivo de planejar e implementar processos e produtos para, entre outras ações: a) a ampliação da capacidade de expressão de todas as pessoas em um contexto educativo, presencial ou virtual; b) a melhoria do coeficiente comunicativo das ações educativas, convertendo-as em práticas de diálogo social, a serviço da cidadania; c) o desenvolvimento de práticas de “literacia midiática”, mediante exercícios que facilitem o entendimento e a análise do comportamento operacional dos meios de comunicação, bem como orientem o convívio com as mensagens midiáticas e seu uso no cotidiano da vida em sociedade; d) o emprego dos recursos da informação nas práticas educativas, numa perspectiva criativa e participativa; e) o protagonismo comunicativo dos sujeitos, independentemente de suas condições de idade, gênero, nível econômico ou posição social, f) a legitimação social como referencial para políticas públicas, incorporando a Educomunicação no ensino público e privado, e em práticas de sustentabilidade, de educação em saúde, de formação de sujeitos em situação de risco, especialmente em temas de gênero, raça e etnia.

⁵ Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/educacao/2018/12/os-desafios-do-uso-das-midias-em-sala-de-aula/> Acesso em: 20 mar. 2021.

⁶ Site da ABPEducom disponível em: <https://abpeducom.org.br/educom/conceito/> Acesso em: 20 mar. 2021.

A professora Grácia Lopes Lima⁷, fundadora do Instituto GENS de Educação e Cultura, e uma das orientadoras do curso “Cala Boca Já Morreu”, presta assessoria e consultoria para a formação continuada de professores e implantação de Programas de Educomunicação em redes públicas de educação. Ela afirma que a Educomunicação ajuda a promover o fortalecimento de indivíduos, recuperando o que caracteriza cada pessoa como um ser humano que nasceu para ser independente, capaz de criar e de ser responsável por seus atos. Trata-se de um processo de construção coletiva, enfatiza, e que dura toda a vida. (LIMA, 2012). Neste sentido, ela reforça a importância de trocar a palavra “empoderamento” – um dos objetivos da Educomunicação – por “fortalecimento”:

O empoderamento [...] tem muito a ver com o desenvolvimento do individualismo – ‘eu sou um vencedor, invencível, então, eu me supero e fui escolhido como um cromossoma que venceu’ – e leva a querer ser mais que os outros. Já o fortalecimento propõe o desenvolvimento do indivíduo, que nasce completo e não pela metade, que junto com os outros no grupo segue essa proposta conjunta continuamente até ‘morrer’. (LIMA, 2012, *grifos do autor*).

Em nível internacional, a Unesco (2016) adota o conceito de Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), que tem como objetivo “ampliar o acesso à informação e ao conhecimento, intensificar a liberdade de expressão e melhorar a qualidade da educação”. A UNESCO tem divulgado diretrizes e material para uso em salas de aula com sugestões para desenvolver habilidades e atitudes de valorização, avaliação, produção e participação das e nas mídias e em todas as formas de comunicação. Estas diretrizes são construídas a muitas mãos, aproveitando a experiência da inclusão da AMI em currículos escolares da França e de outros países que avançaram no desenvolvimento deste tema. AABPEducom e o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP) contribuíram com a elaboração da segunda versão do guia *Padrões Globais sobre Diretrizes de Desenvolvimento de Currículos de AMI*, que visa a orientar programas para a formação de usuários midiáticos responsáveis e críticos.

A obra incorpora referências de artigos produzidos por autores brasileiros e ibero-americanos. No Brasil, o campo da Educomunicação começou a se estruturar nos anos 1960, em um contexto de ditaduras militares, com a necessidade de expandir e extrapolar os limites dos canais de comunicação diante das restrições e censuras políticas. Passados anos de debates, avanços e retrocessos, um dos temas urgentes em 2022 é como inserir a

⁷ Em entrevista sobre o Projeto Cala-Boca já morreu, disponível em: <http://www.cca.eca.usp.br/content/projeto-cala-boca-ja-morreu-tema-palestra-entrevista> Acesso em: 21 mar. 2021.

responsabilidade da comunicação participativa e popular na educação para a promoção e o exercício de direitos, com o uso crítico e responsável das tecnologias na formação desde a infância. Essa necessidade está ligada à ampliação do uso da Internet, por meio principalmente dos telefones móveis, os celulares “espertos” (smartphones), e sobretudo pós-pandemia da Covid-19, em que o distanciamento social fez com que as pessoas passassem a depender mais da comunicação virtual. Como explicou o professor Ismar Soares em entrevista a esta pesquisadora então jornalista do jornal Extra Classe (GLOCK, 2018), as pessoas se apoderaram da mídia por um aprendizado intuitivo, com a perspectiva imediata de se sentirem autoras. As *fake News*, a seu ver, são “produto da abundância de canais, sem o necessário compromisso social para o seu uso”.

A Educomunicação assume neste contexto um papel essencial de formação de multiplicadores e multiplicadoras para disputar narrativas e avançar no compromisso social. Diante da apropriação do nome Educomunicação em áreas e com sentidos que nem sempre se atêm a este compromisso, há pesquisadores e pesquisadoras que começam a utilizar a nomenclatura Educomunicação Popular, como forma de se ater às bases iniciais propostas por Freire e Kaplún: educação e comunicação *para e com* o povo, como parte da agenda das lutas populares.

Kaplún, que era um comunicador de rádio e havia promovido cursos de leitura crítica da mídia, utilizou gravações em áudio em fitas cassete para promover a troca de informação sobre direitos humanos e cidadania entre integrantes de centrais de cooperativas e centros de educação popular de países da América Latina com o projeto de Cassete-Fórum. As pessoas ouviam programas gravados, gravavam, discutiam, enviavam suas ideias em fitas cassete, que eram ouvidas e respondidas por outras pessoas, que retomavam o diálogo. Essa iniciativa, considerada precursora da Educomunicação, utilizava a tecnologia existente na época com um fim social. Portanto, poderia hoje ser denominada de TS. Atualmente, as fitas cassetes foram substituídas pelos chamados “podcasts” (gravações em áudio digital). Os áudios de programas difundidos por mídias atuais podem ser usados para obter lucro e contribuir para a manipulação do senso comum. Mas, se forem adotados como ferramentas de aprendizado coletivos, ou ações de interesse público, adquirem características de TS. Os Cassete-Fórum de Kaplún foram a minha inspiração para o uso da TS da Rádio Móvel na criação de programas de Educomunicação Popular. Em vez de gravar em fitas cassete, pensei, podemos fazer as gravações digitais da Radioweb e redistribuí-las, conforme objetivos e necessidades, virtualmente.

Tanto Paulo Freire, como Mario Kaplún advertiram sobre os riscos de avanços da tecnologia utilizada na educação e na comunicação sem uma contrapartida dialógica e crítica sobre as contradições e desigualdades das diferentes realidades experienciadas. Kaplún (1999, p. 73) observa que, para cumprir seus objetivos, os processos de ensino-aprendizagem devem dar lugar às manifestações de educandos, desenvolvendo sua competência linguística, propiciando o exercício social para que possam chegar à própria elaboração conceitual. Para que não sejam apenas receptores, deve-se oferecer condições para que gerem mensagens próprias, pertinentes aos temas de aprendizagem.

[...] quando se aspira a uma sociedade global humanizante, não avassalada pelo mercado, pela competitividade e pela homogeneização cultural e sim edificada sobre o diálogo, a cooperação solidária e a reafirmação das identidades culturais, o desenvolvimento da competência comunicativa dos sujeitos atuantes aparece como um fator altamente necessário, e em torno do qual gravitam os outros aspectos; como acontece, aliás, com a participação política e social. (KAPLÚN, 1999, p.75).

A conversa registrada em livro pelo educador Sérgio Guimarães com Paulo Freire (1984) mostra como para Freire essa preocupação também estava presente. Freire se dizia um homem de seu tempo e, portanto, não se colocava contra a televisão, que era o meio de comunicação até então era mais presente na vida da maior parte da população. Mas lembrava da impossibilidade de analisar o que chama de “problema dos meios (de comunicação)” sem pensar a questão de poder.

O que vale dizer: os meios de comunicação não são bons ou ruins em si mesmos. Servindo-se de técnicas, eles são resultado do avanço da tecnologia, são expressões da criatividade humana, da ciência desenvolvida pelo ser humano. O problema é perguntar a serviço ‘do quê’ e a serviço ‘de quem’ os meios de comunicação se acham. (FREIRE *et al.*, 2013, p. 22).

Quando Guimarães questiona Freire sobre o uso da televisão como um aparelho de transmissão de mensagens pré-fabricadas, Freire responde com o que chamou de “atitude arcaica” do uso didático-pedagógico das tecnologias de então de limitar o aluno apenas a consumi-las. (FREIRE *et al.*, 2013, p. 39). Em *Pedagogia do Oprimido*, o educador já sugeria que a leitura e a discussão de artigos de revistas, de jornais, de capítulos de livros, ou de trechos, deveria ser antecedida por uma conversa sobre seus autores como um recurso didático dentro de uma visão problematizadora da educação, e não “bancária”. Esta é, precisamente, uma das estratégias da Educomunicação.

Na linha do emprego destes recursos, parece-nos indispensável a análise do conteúdo dos editoriais da imprensa, a propósito de um mesmo

acontecimento. Por que razão os jornais se manifestam de forma diferente sobre um mesmo fato? Que o povo então desenvolva o seu espírito crítico para que, ao ler jornais ou ao ouvir o noticiário das emissoras de rádio, o faça não como mero paciente, como objeto dos ‘comunicados’ que lhes prescrevem, mas como uma consciência que precisa libertar-se. (FREIRE, 2011, p. 117-118).

Há ainda outro ponto a salientar nesta análise, que está diretamente ligada à desinformação programada, característica dos tempos atuais. A questão ética permeia – ou deveria permear – todos os campos de saberes. Sendo assim, é pressuposto que esteja nas bases também da educação e da comunicação. Como observa Freire, “decência e boniteza” andam de mãos dadas, e a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e pureza. Para Freire, mulheres e homens são seres histórico-sociais, capazes de comparar, valorar, intervir, escolher, decidir, romper. Consequentemente, são seres éticos (FREIRE, 2011, p. 34).

Diversos autores têm se empenhado em ressaltar igualmente a relevância da ética na comunicação. Uma das opiniões mais célebres no jornalismo é de Cláudio Abramo (1923-1987), que trabalhou nos jornais O Estado de São Paulo e na Folha de S.Paulo entre as décadas de 1950 e 1970. No texto intitulado “O jornalismo e a ética do marceneiro”, Abramo (1988, p. 109) afirma que não existe uma ética específica do jornalista, ela é a mesma de qualquer cidadão e cidadã. O que é ruim para qualquer pessoa, deve ser ruim para qualquer profissional de comunicação:

O cidadão não pode trair a palavra dada, não pode abusar da confiança do outro, não pode mentir. No jornalismo, o limite entre o profissional como cidadão e como trabalhador é o mesmo que existe em qualquer outra profissão. É preciso ter opinião para poder fazer opções e olhar o mundo da maneira que escolhemos. Se nos exirmos disso, perdemos o senso crítico para julgar qualquer outra coisa. (ABRAMO, 1988, p.109).

A questão ética está diretamente relacionada à demanda por Educação para a Mídia como estratégia de contra-hegemonia. No próximo capítulo, abordo a preocupação com o uso ético das tecnologias, nominando seus múltiplos e possíveis significados.

3.2 TECNOLOGIA SOCIAL

O campo da Tecnologia Social está fartamente descrito nesta pesquisa porque a Rádio Móvel, elemento central de meu estudo, é uma TS. Para entender a definição de TS, busco suas raízes em dois autores que, por sua vez, bebem em elementos da teoria de Karl Marx.

Abordarei, portanto, as reflexões sobre Técnica e Tecnologia da obra de Álvaro Vieira Pinto (2005), e de Tecnologia Social, de Renato Dagnino (2019). Inclui, ao final, os argumentos utilizados por Dagnino (2019) ao propor substituir TS por Tecnociência Solidária. E estabeleço relações destes conceitos com o de Colonialismo de Dados.

Álvaro Vieira Pinto adverte que, dependendo do propósito e de seu uso, a interpretação sobre o significado da tecnologia pode mudar. Ele menciona quatro significados: a) tecnologia como sinônimo de teoria, ciência, estudo, discussão da técnica, abrangidas nesta última noção as artes, as habilidades do fazer, as profissões e, generalizadamente, os modos de produzir alguma coisa; b) simplesmente a técnica; c) o conjunto de todas as técnicas de que dispõe uma determinada sociedade, em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento e d) a ideologização da técnica. (PINTO, 2005, p. 220).

Para ele, a "técnica" está interligada ao desenvolvimento das forças produtivas. Diz que a realização humana se dá com a conquista progressiva do conhecimento e nas ações técnicas pelas quais os seres humanos efetuam o domínio da natureza. Desta forma, a essência da técnica é mediar uma finalidade humana consciente. No plano objetivo, isso significa transformar, criar novas substâncias e objetos a partir da natureza e, no plano subjetivo, mediar a produção de outras ideias a partir da acumulação de conhecimento.

Considerando que a obra “O que é Tecnologia” terminou de ser escrita e revisada por Vieira Pinto em 1974, convém destacar a atualidade de suas críticas, mais de 40 anos depois, em relação ao senso comum de que vivemos em uma era tecnológica com os maiores avanços dos últimos tempos:

O conceito de ‘era tecnológica’ encobre, ao lado de um sentido razoável e sério, outro, tipicamente ideológico, graças ao qual os interessados procuram embriagar a consciência das massas, fazendo-as crer que têm a felicidade de viver nos melhores tempos jamais desfrutados pela humanidade. (PINTO, 2005, p. 41).

Vieira Pinto (2005) explica que as classes dominantes utilizam os termos técnica e tecnologia para justificarem a superioridade sobre outros grupos, e revestem a técnica do valor moral que lhes interessa, colocando-a, junto com a ciência, como uma “benemerência”. É neste sentido que afirma como a técnica e a “era tecnológica” são utilizadas para silenciar manifestações críticas das massas. Por isso, propõe denunciar o endeusamento da tecnologia enquanto instrumento de domínio e espoliação da humanidade, usado para fortalecer ideologicamente os interesses do saber atual. Vieira Pinto (2005, p. 44) se refere à tecnologia que leva as pessoas a trabalharem para “as camadas altas dos povos senhoriais sob a falsa e

emoliente impressão de estar participando, na única forma em que lhe é possível, da promoção do progresso em nosso tempo”.

Ao estabelecer uma relação do poder desta tecnologia sobre as nações pobres, nos anos 1970, Vieira Pinto parecia estar prevendo o que viria a acontecer com o uso das redes sociais, da inteligência artificial e de outras dezenas de “novidades” advindas com o desenvolvimento das tecnologias digitais, que capturam dados pessoais na forma de algoritmos, transformando usuários em produtos para o benefício da GAFAM (sigla utilizada para indicar as empresas Google, Amazon, Facebook, Apple, Microsoft)⁸:

Acreditam [as nações pobres] estar ingressando também na era tecnológica, mesmo fazendo-o arrastadas por mão alheia e na qualidade de simples áreas de consumo em favor dos países ricos. Desse contentamento consigo próprias, pela demonstração de ‘também estarem crescendo’, passam naturalmente à atitude de gratidão para com as potências exploradoras, as forças que precisamente impedem a expansão de sua capacidade criadora nativa. (PINTO, 2005, p. 45).

Vejam também o que diz Michael Kwet (2021), pós-doutor em Sociologia da Universidade de Rhodes e pesquisador-visitante do Projeto da Sociedade da Informação na Escola de Direito de Yale, autor de “Colonialismo Digital: o Império dos EUA e novo imperialismo no Sul Global”. Kwet (2021) denomina de colonialismo digital o uso da tecnologia (digital) para a dominação política, econômica e social de outra nação ou território. Para o autor, o maquinário pesado de antigamente foi substituído por “fazendas de servidores de nuvem”, que são dominadas por empresas como Amazon e Microsoft. Nas nuvens, estas grandes empresas armazenam e processam um enorme número de informações (privadas) e seriam, segundo Kwet, as novas bases militares para o império dos Estados Unidos.

No modelo atual de Colonialismo Digital descrito por Kwet, os engenheiros integram os exércitos corporativos de programadores de elite, e são muito bem pagos, enquanto os trabalhadores e as trabalhadoras explorados estão na extração dos minerais no Congo e na América Latina (de onde vêm os recursos para as tecnologias digitais), trabalhando como mão de obra barata, codificando e decodificando dados pela inteligência artificial na China e na África, e sofrendo de transtorno do estresse pós-traumático por limpar o conteúdo perturbador das plataformas de mídia social. Kwet denomina as plataformas e centros de espionagem de

⁸ Sobre este tema, há vários artigos, relatórios, guias, denúncias. Destaco os relatórios da ONG Coalizão Direitos na Rede, rede de entidades que reúne mais de 40 organizações acadêmicas e da sociedade civil em defesa dos direitos digitais, tendo como temas principais de atuação: acesso, liberdade de expressão, proteção de dados pessoais e privacidade na Internet. Disponível em: <https://direitosnarede.org.br/privacidade/> Acesso em: 1 mar. 2021.

“panópticos”, e diz que os dados são a matéria-prima processada para serviços baseados em inteligência artificial (KWET, 2021).

Já Nick Couldry, professor de Mídia, Comunicação e Teoria Social no Departamento de Mídia e Comunicação da Escola de Economia e Ciência Política de Londres, cita Karl Marx ao explicar a reprodução do capitalismo como um fenômeno social através das relações de trabalho na era atual, que chama de Colonialismo de Dados. Neste tipo de colonialismo atualizado, observa Couldry, as pessoas concordam em vender seu trabalho de forma “*commodificada*”, em troca de salários. A diferença é que nem sempre sabem como isto está acontecendo, e os dados são extraídos mesmo quando estão fora do horário de trabalho: nos finais de semana, por exemplo, quando alguém envia fotografias a amigos e familiares, ou fotos do que está comendo, do passeio que fez. Enfim, no instante em que repassa pela Internet algo que acredita que outras pessoas possam gostar de ver ou saber, por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp, pelo Instagram, pelo Facebook (que recentemente mudou o nome para Meta).

Um valor econômico está sendo gerado através dos dados dessas imagens, incluindo os metadados associados a elas, que informam o que envio e como envio. Isso significa que precisamos pensar sobre a reprodução do capitalismo, não só através das relações trabalhistas, mas também das relações de dados, que definimos como os modos de reprodução da vida social. Basicamente, é tudo o que fazemos, todas as interações nas quais nos envolvemos para um novo propósito, isto é, otimizar a extração de dados para o lucro. (COULDRY, 2021).

Kwet, Couldry e outros pesquisadores, assim como Álvaro Vieira Pinto, nos ajudam a entender o conceito da técnica e da tecnologia no atual momento histórico, e de certa forma explicam os temores e riscos para os quais Freire, muito antes do advento da Internet, já alertava. Ora, Álvaro Vieira Pinto diz que para se entender o que é técnica não basta considerar de forma abstrata e isolada o que há de novo na tecnologia atual. Ao contrário, deve-se examinar os aspectos comuns do “novo” de todas as fases tecnológicas anteriores. É no que veio antes, diz o autor, que vamos encontrar o que nos servirá para alcançar esse conceito de técnica, válido para qualquer período histórico alcançado. Por isso, segundo o autor, devemos equilibrar duas vertentes nesta análise: o reconhecimento do estado de admiração e sua correção pelo pensamento historicista e dialético. Vieira Pinto conclui que o pensamento crítico se forma justamente neste equilíbrio, e embora seja instável, é indispensável.

Da mesma forma, Renato Dagnino (2019) recupera a crítica feita por Vieira Pinto

quando classifica como “inconveniente” a separação entre ciência e tecnologia, ou a ideia de que tecnologia seria a aplicação da ciência. E sugere um novo marco analítico conceitual para tratar da natureza tecnocientífica: a tecnociência, que ele vai aplicar à Economia Solidária.

Dagnino define assim a Tecnociência:

Ela é decorrência cognitiva da ação de um ator sobre um processo de trabalho que ele controla e que, em função das características do contexto socioeconômico, do acordo social, e do espaço produtivo em que ele atua, permite uma modificação (qualitativa e quantitativa) no produto gerado passível de ser apropriada segundo o seu interesse. (DAGNINO, 2019, p. 58).

Ao associar este conceito à Economia Solidária, surge o conceito de Tecnociência Solidária:

É a decorrência cognitiva da ação de um coletivo de produtores sobre um processo de trabalho que, em função de um contexto socioeconômico (que engendra a propriedade coletiva dos meios de produção) e de um acordo social (que legitima o associativismo), os quais ensejam, no ambiente produtivo, um controle (autogestionário) e uma cooperação (de tipo voluntária e participativa), provoca uma modificação no produto gerado cujo resultado material pode ser apropriado segundo a decisão do coletivo (empreendimento solidário). (DAGNINO, 2019, p. 61).

O autor parte de uma crítica ao senso comum, conceito sobre o qual me detenho no subcapítulo 3.5, que coloca a ciência de um lado, como boa e verdadeira, porque resultado da pulsão de alguém curioso por conhecer a natureza perfeita; e, de outro, a tecnologia que a usaria para a produção de bens e serviços, mas que poderia ser orientada para o “mal” se utilizada sem ética. Derruba o mito da neutralidade e formula a concepção de adequação sociotécnica (AST): uma construção social, com postura engajada e otimista, que pode ser reprojetaada com a politização e internalização de valores e interesses alternativos. Observando a pluralidade, o controle democrático interno onde costuma ser produzida, a AST incorpora atores sociais diretamente interessados em contar com um conhecimento para a produção de bens e serviços coerentes com seus valores e interesses (DAGNINO, 2019).

Ao lembrar que foi um dos criadores do marco analítico conceitual de TS, Dagnino explica que acreditava ser este um conceito importante para que organizações e pessoas que começavam a se incorporar à Rede de TS refletissem sobre como promover a inclusão social por meio do desenvolvimento tecnocientífico. Assim, o conceito de TS usualmente adotado pelo Instituto de Tecnologia Social, semelhante ao da Fundação Banco do Brasil e da Rede de TS, é: “Conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na

interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida” (ITS BRASIL, 2004, p. 26).

Quando propõe o conceito de Tecnociência Solidária em substituição ao de TS, Dagnino busca evitar o maniqueísmo conceitual de que a TS foi concebida para ser uma negação da tecnologia convencional – definida como capacidade originada pela aplicação prática de conhecimento, métodos, materiais, ferramentas, máquinas e processos para combinar recursos com o objetivo de gerar mais rapidamente os produtos desejados, ou em maior quantidade, ou com menor custo e maior qualidade. Este conceito não considera, na visão do autor, o papel do ator, e abstrai o contexto capitalista. Portanto, encobriria o caráter de construção histórica, social e politicamente determinada.

Dagnino acredita que a nova denominação permitiria uma maior “conscientização para dentro destas instituições públicas” (DAGNINO, 2018, *apud* DAGNINO, 2019, p. 70), para ampliar os espaços e a disputa de hegemonia dentro do contexto capitalista. Diminuiria, a seu ver, a dubiedade do conceito usado junto a movimentos sociais, ONGs, órgãos do governo envolvidos com a economia solidária, e aumentaria a eficácia de suas ações.

Vieira Pinto e Dagnino estão preocupados com a apropriação indevida dos conceitos e das técnicas e tecnologia por quem detém o poder, deturpando, a favor dos poderosos, iniciativas que buscam justamente contrapor seus monopólios e manter as desigualdades.

Nesta pesquisa mantive a nomenclatura de TS incorporando as preocupações de Renato Dagnino em relação ao contexto histórico e sociotécnico e possibilidades de reaplicação, ou seja, de apropriação das técnicas e tecnologias pelas comunidades.

Seria então possível afirmar que: 1) as metodologias utilizadas para os programas da TS da Rádio Móvel não são algo novo; foram implementadas a partir do acúmulo de vivências e experiências de suas organizadoras e constituíram atividades técnicas na medida em que foram utilizadas como mediação na educação/comunicação; 2) a Radioweb usa a tecnologia considerando o primeiro significado elencado por Vieira Pinto: enquanto “modos de produzir alguma coisa” (PINTO, 2005, p. 220) e também como tecnologias sociais/tecnociências solidárias, na acepção de Dagnino, de serem uma ação de atores sobre um processo, que lhes permite uma modificação no produto gerado, passível de apropriação conforme seus interesses (DAGNINO, 2019, p. 61).

Assim, utilizei os conceitos de diálogo, práxis crítica e trabalho como princípio educativo para fazer esta análise. Aproximei-me dos conceitos de hegemonia/contrahegemonia, senso comum, lugar de fala e interseccionalidade, de forma complementar, para

procurar entender melhor como se deram as mediações sob a perspectiva da Educomunicação e TS, e as implicações que possam ter ocasionado junto às PLPs participantes dos programas de Radioweb.

As mediações a que me refiro são as reflexões a respeito do papel dos meios de comunicação na manutenção de hierarquias e do poder, quem são seus donos, como se pode fazer uma leitura crítica dos programas e notícias veiculadas nestes meios, e como criar notícias e programas a partir de seus saberes e experiências, com objetivo de informar, questionar, denunciar e anunciar, incentivando o protagonismo destas mulheres. Estas são ações possíveis de serem realizadas utilizando a Rádio Móvel e a Educomunicação.

3.3 DIÁLOGO E PRÁXIS CRÍTICA

Aqui, analiso os conceitos de diálogo e práxis crítica contidos na obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire. Reflito de que forma as experiências que são foco deste estudo podem ser organizadas e sistematizadas sob a lupa destes conceitos, levando em conta os discursos de hegemonia, senso comum e lugar de fala.

Segundo Freire, o “pensar crítico” é aquele que, “não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade” (FREIRE, 2011, p. 84), e a realidade é pensada como um processo em constante devenir, em movimento, que se banha na temporalidade e nos riscos associados. Diz Freire que sem o pensar crítico não há comunicação, e sem esta, por sua vez, não há verdadeira educação. O educador sugere que a educação libertária começa quando se pensa o conteúdo do diálogo.

Para chegar a práxis crítica, segundo Freire, é preciso que as pessoas se sintam “sujeitos de seu pensar”, discutindo a sua visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente em suas sugestões e nas de seus companheiros. Assim, o fazer é práxis enquanto ação e reflexão para a transformação do mundo injusto. Parafraseando Lênin, Freire observa que não há revolução sem teoria:

E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. Não pode reduzir-se, como salientamos no capítulo anterior, ao tratarmos a palavra, nem ao verbalismo, nem ao ativismo. A tão conhecida afirmação de Lênin: ‘Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário’ significa precisamente que não há revolução com verbalismos, nem tampouco com ativismo, mas com práxis, portanto, com reflexão e ação incidindo sobre as estruturas a serem transformadas. (FREIRE, 2011, p. 124, *grifo do autor*).

Em Educação e Mudança, Freire relaciona como características da “consciência crítica”: 1) anseio de profundidade na análise de problemas, não só baseada em aparências; 2) reconhecimento de que a realidade é mutável; 3) substituição de situações ou explicações mágicas por princípios autênticos de causalidade; 4) busca pela verificação ou teste de descobertas e disponibilidade para fazer revisões; 5) análise de fatos livre de preconceitos; 6) inquietude; 7) aceitação de responsabilidades; 8) investigação e a indagação; 9) diálogo e, 10) admissão do novo, sem eliminar o que vem antes.

Ele volta a enfatizar a importância da criticidade ao ensinar, relacionando com o “nosso tempo altamente tecnologizado”. Diz que, como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana é histórica e socialmente construída e reconstruída, justamente porque essa promoção “da ingenuidade para a criticidade” não se dá de forma automática, e uma das tarefas da prática educativo-progressista é desenvolver a “curiosidade crítica, insatisfeita e indócil”:

Curiosidade com que podemos nos defender de ‘irracionalismos’ decorrentes do ou produzidos por certo excesso de ‘racionalidade’ de nosso tempo altamente tecnologizado. E não vai nesta consideração nenhuma arrancada falsamente humanista de negação da tecnologia e da ciência. Pelo contrário, é consideração de quem, de um lado, não diviniza a tecnologia, mas, de outro, não a diaboliza. De quem a olha ou mesmo a espreita de forma criticamente curiosa. (FREIRE, 2011, p. 33-34, *grifo do autor*).

Todas as participantes desta pesquisa estão envolvidas em propostas de Educomunicação em que o conteúdo – seja do texto e fotos do jornal, como dos roteiros e áudios de programas de Radioweb – foi elaborado em diálogo permanente, a partir de suas perspectivas de mundo. Considerando a hipótese apresentada, cumpre, portanto, a esta pesquisa, elencar elementos para identificar se, ao retornarem para seus ambientes de trabalho ou escolar, a reflexão propiciada pelos encontros usando as ferramentas das TS disponíveis indicam práxis de análise crítica e também ações propositivas de mudanças tendo como horizonte o bem comum, ou ao menos questionadoras de suas realidades dentro do contexto em que vivem e atuam.

3.4 TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO E SABERES DO TRABALHO

Os conceitos de Trabalho como Princípio Educativo e Saberes do Trabalho foram incorporados a esta pesquisa para auxiliar nas análises de entrevistas. Miguel Arroyo afirma

que trabalho e educação são parte do mesmo processo formativo e a separação entre trabalho e educação atende a uma ideologia capitalista. Para compreender os vínculos entre trabalho e educação, acrescenta, é preciso captar em que medida as condições materiais de produção-reprodução da existência dos setores populares dentro e fora de seus locais de trabalho “vão adquirindo maior riqueza humana, social, cultural e, conseqüentemente, vão permitindo maior riqueza espiritual” para a sua formação como seres humanos. Ele propõe ampliar as pesquisas sobre como o trabalho tem sido transformado pelas pessoas e como estas, “educadoras por excelência, vêm sendo educadas e vêm se tornando mais educativas” (ARROYO, 1990, p. 42-43).

Celia Regina Vendramini ressalta a contribuição do historiador inglês Edward Thompson para entender que os saberes são produzidos “do” e “no” trabalho e destaca que, embora haja diferentes formas e espaços de vivenciar experiências que geram aprendizado e sentido, as experiências coletivas – em torno de objetivos comuns – podem se tornar (ainda mais) emancipatórias (VENDRAMINI, 2006, p. 128).

Maria Clara Bueno Fischer (2010), por sua vez, remete a Paulo Freire quando diz que “o trabalho é uma expressão fundamental da condição ontológica do ser humano como um ser de relação e de transformação do mundo natural e cultural, um ser da práxis, de ação e reflexão”. E que a análise crítica marxista do modo de produção capitalista pode levar à incorporação progressiva da categoria classe social, ampliando seu posicionamento sobre o papel político da educação e a natureza do diálogo numa sociedade de classes. A abordagem de Paulo Freire tem influência da matriz marxista de pensamento, principalmente a partir de sua obra *Pedagogia do Oprimido*: “A categoria explorado está na de oprimido, mas esta permite o realce das marcas de dominação ideológica e cultural de classe: o opressor que habita o oprimido, questão fundamental para o trabalho educativo que se orienta pela emancipação social”.

Assim, de acordo com a leitura feita pela autora, na perspectiva de Freire o trabalho é uma expressão fundamental da condição ontológica do ser humano como um ser de relação e de transformação do mundo natural e cultural, um ser da práxis, de ação e reflexão. Sendo o trabalho histórico, ele gera ao mesmo tempo humanização e desumanização, sobretudo em uma sociedade capitalista. Quando trabalha, a pessoa cria condições - econômicas, sociais, políticas e culturais - que favorecem ou desfavorecem sua condição ontológica de ser mais.

Mas a condição humana ontológica de ser capaz de agir e refletir não garante, por si só, um entendimento das relações na realidade, que são muito complexas, nem que uma

pessoa passe a agir e ser mais humana: “os processos de trabalho e de produção são espaços-tempo de formação do trabalhador. Podemos dizer que há um conjunto de saberes técnico-produtivos e ético-políticos que são produzidos e mobilizados no trabalho” (FISCHER, 2010, p. 401-403).

No caso das participantes desta pesquisa, o trabalho como PLPs e a experiência de rádio que as remetem à Educomunicação está distante do modelo capitalista de trabalho, por isso pode contribuir para o desenvolvimento de uma práxis crítica das mulheres envolvidas.

Estes conceitos permitem compreender como é complexa e intrínseca a relação das mulheres que passaram pelo curso de PLP e pela oficina de Radioweb com os mundos da educação e do trabalho. Ao fazerem o curso da ONG Themis sobre direitos, elas foram (re)inseridas na educação para (res)significar sua atividade com o trabalho. Mas, na prática, quando assumiram como PLPs em suas comunidades, tiveram de lidar com situações que demandaram estratégias próprias, em função das características de cada localidade, como a presença ameaçadora do tráfico de drogas que pode ser um empecilho ou dificultador, por exemplo. É um movimento de vai e vem de saberes, baseados na experiência. Há desvios, avanços, retrocessos e conquistas que vão se somando nestas trajetórias.

Figura 3 – O vai e vem de saberes na experiência das PLPs Vozes em Ação

SABEF

A EX

Fonte: Clarinha Glock

Suponho que a Radioweb PLPS Vozes em Ação, enquanto mediadora (por meio da TS e da Educomunicação), contribuiu para dar visibilidade a alguns saberes destas mulheres.

Porque, ao falarem para a rádio sobre o que fazem, ou questionando suas entrevistadas, as PLPs não só (re)transmitem experiências, como sistematizam o que nem sabem que sabem – as “cienciazinhas” do seu cotidiano, baseadas na observação, nas suas raízes, cicatrizes, vitórias, afetos. O curso de formação da ONG Themis lhes deu uma outra identidade para trabalho (de PLP), associada à educação e ao ativismo social e solidário. Ao mesmo tempo, a Educomunicação e a TS da Rádio Móvel amplificaram seus saberes, multiplicados no som de suas vozes e nos processos coletivos de pensar e exercer a comunicação cidadã e popular.

3.5 HEGEMONIA/CONTRA-HEGEMONIA E SENSO COMUM

Neste subcapítulo, estabeleço uma relação entre os conceitos de hegemonia e senso comum com o diálogo e a práxis crítica. Com este objetivo, uso o exemplo das *fake news* – do inglês, notícias falsas.

A chamada “leitura crítica dos meios” se tornou um braço mais forte da Educomunicação nos últimos anos devido à disseminação de notícias falsas pela Internet, com o uso das redes virtuais para promover a desinformação. Já é sabido por documentários, filmes, denúncias e relatórios, que a manipulação de informações falsas divulgadas pelos meios de comunicação com interesses políticos interferiu diretamente na eleição de pelo menos dois presidentes: Donald Trump, nos Estados Unidos, e Jair Bolsonaro, no Brasil. E que essa estratégia segue provocando efeitos desastrosos em meio à Pandemia de Covid-19, a ponto de ter gerado um novo termo, a “infodemia”⁹.

Em 2018, a mídia brasileira adotou o termo “desinformação” para denominar notícias incompletas, manipuladas e/ou mentirosas. Assim como em outros países, os grandes meios de comunicação do Brasil incorporaram a tendência de verificar, depois de publicadas, a veracidade de notícias, em projetos como Lupa e Comprova. Para o Jornalismo baseado na ética, trata-se de um contrassenso. Diz a regra, na ética profissional, que um comunicador/a deve checar todos os dados antes de divulgar uma informação. Além disso, muitas empresas que passaram a fazer a verificação tinham, elas próprias, ajudado a disseminar *fake news* ou manipulações de informações.

Em seu livro “Marxismo e Literatura”, bem como na obra “Televisão: tecnologia e

⁹ A Organização Panamericana de Saúde fez um boletim sobre Infodemia em 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14. Acesso em: 2 mar. 2021.

forma cultural”, o pensador galês Raymond Williams¹⁰, considerado um expoente dos Estudos Culturais, muito antes do advento da Internet, já explicava o fenômeno das *fake news* ao refletir sobre o significado de senso comum e hegemonia de discurso.

Segundo Raymond Williams (1979, p.111), a definição mais comum de hegemonia é “poder ou domínio público”. Williams ressalta que Marx ampliou essa definição para incluir as relações entre classes sociais, levando em conta uma “classe dominante”, e que Gramsci inseriu a perspectiva da combinação de forças políticas, sociais e culturais. Os estudos de Williams mostram que a hegemonia ultrapassa o nível da ideologia – no sentido de significados, valores e crenças de uma visão de mundo ou perspectiva de classe –, bem como as ideias de manipulação ou doutrinação. Para Williams, hegemonia é um conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida, um sistema de significados que são experimentados como prática e que parecem fazer sentido.

Conforme Williams, uma dominação nunca é passiva, ela sofre resistências e desafios. E os efeitos das pressões contra-hegemônicas muitas vezes são incorporados e reinventados pela própria força hegemônica.

Michael Apple (2006), especialista em Estudos de Política Educacional da Universidade de Wisconsin-Madison, por sua vez, explica que o senso comum é formado por diferentes ideologias, que são resultado de uma classe específica, gênero ou raça, e são conectadas a problemas e experiências reais. Sendo uma construção histórica, o senso comum nunca é totalmente convertido à ideologia dominante, porque há resistência na luta de narrativas e discursos sobre significados.

Para construir sua liderança, o bloco hegemônico tem que conectar seu discurso com a vida prática na sociedade – fazer um trabalho cultural constante, estabelecer discursos “que façam sentido”, sem, contudo, que pareçam discursos da classe dominante. O processo todo tem de ser naturalizado. Esta relação tem a ver com o senso comum, como Gramsci já havia mencionado. Em seus estudos sobre os significados por trás de discursos, o professor de Sociologia Stuart Hall (2003), mostrou, no entanto, que é preciso confrontar a noção de que as pessoas são simplesmente enganadas e manipuladas. Para Hall, a sociedade, sendo dinâmica e cheia de contradições, possibilita lutas contra-hegemônicas.

Desta forma, pode-se dizer que discursos hegemônicos constroem realidades, porque carregam em si relações sociais de dominação e resistência. Williams questiona o conceito de

¹⁰ Sobre Raymond Williams, leia também <https://revistacult.uol.com.br/home/tag/raymond-williams/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

“determinação”. Reflete que, na prática, “a determinação não é nunca apenas a fixação de limites, mas também a existência de pressões”. Caso contrário, não haveria possibilidade de mudanças:

A ‘sociedade’ não é nunca, então, apenas a ‘casca morta’ que limita a realização social e individual. É sempre também um processo constitutivo com pressões muito poderosas que se expressam em formações políticas, econômicas e culturais e são internalizadas e se tornam ‘vontades individuais’, já que tem também um peso de ‘constitutivas’. (WILLIAMS, 1979, p. 91).

A hegemonia, de acordo com Williams, pode ser definida, portanto, como o resultado de um processo de convencimento a partir da conexão com uma situação vivida, e um reforço do senso comum. Neste contexto, a mídia é uma das entidades que, assim como a igreja e a escola, ajudaria a propagar discursos hegemônicos. Se existe uma propensão de incorporar esse discurso, sem questionamento, é porque ele se torna natural na sociedade.

Ao se analisar a disseminação das *fake news* no contexto da globalização, levando em conta os conceitos de hegemonia e senso comum, pode-se dizer que não basta educar para que a população entenda como palavras, números, imagens e conceitos podem ser manipulados pelos meios de comunicação para favorecer uma pessoa ou grupo, e assim prevenir que compartilhem e difundam notícias falsas. A proposta de Educomunicação pressupõe uma análise profunda da situação econômica, social e política do local para entender como se dá esse processo e como, desde crianças, se pode desenvolver um olhar crítico sobre estes fatos.

Fica clara a influência das tecnologias digitais da informação no presente, ao se mostrar, por exemplo, como Trump e Bolsonaro comprovadamente utilizaram *fake news* para vencer as eleições. Mas é também essencial recordar que, mesmo antes da popularização da Internet, os grandes meios de comunicação, ao longo dos tempos, sempre se uniram às elites econômicas e ajudaram a destituir governos e a colocar aliados no poder.

Portanto, os estudos de Williams, principalmente, contribuem para ampliar a visão que se tinha sobre o papel da mídia na manipulação da opinião pública. O conceito de senso comum ajuda a entender por que, mesmo com todas as denúncias pós-eleições, a desinformação e o compartilhamento de notícias tendenciosas seguem em alta no Brasil. Esta pesquisa serviu também para investigar se a Educomunicação e a TS têm potencial para denunciar as contradições do sistema e, ao mesmo tempo, ações contra-hegemônicas junto à população - neste caso, especificamente um grupo de mulheres, as PLPs participantes da Radioweb. Os questionamentos sobre senso comum e hegemonia/contra-hegemonia fizeram

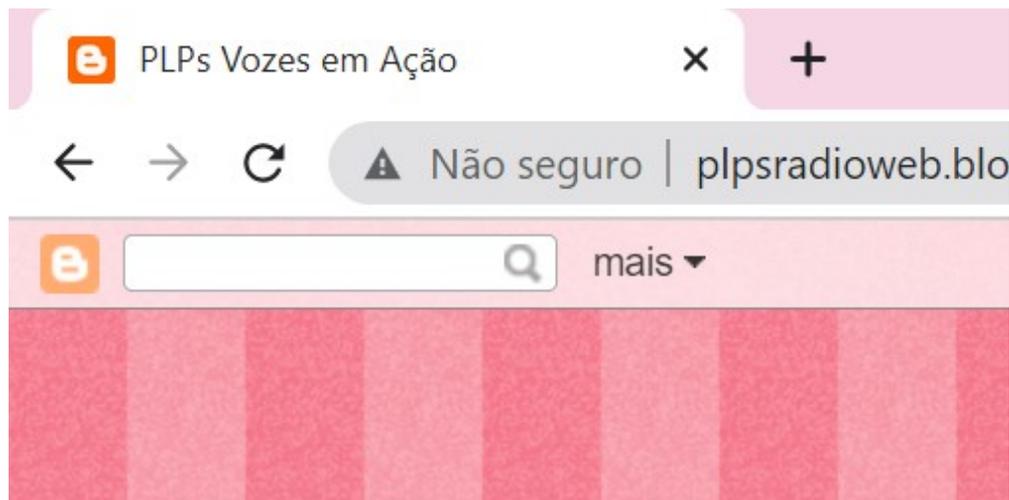
parte do conteúdo das oficinas realizadas entre 2013 e 2016.

3.6 LUGAR DE FALA

Raça, gênero, classe: as PLPs que formaram o grupo de Radioweb “PLPs Vozes em Ação” (2013-2016) trouxeram para as oficinas de Educomunicação e ainda carregam no corpo as dimensões de prazer e dor do seu lugar de fala e da sobreposição de opressões. Experiências essas que são anteriores à gravação de suas memórias e histórias na rádio virtual. As quatro integrantes do grupo que integram esta pesquisa tinham participação em atividades de trabalho (como trabalhadoras domésticas, diaristas, serviços gerais) que compõem a trama de reprodução ampliada do capital. Mas, ao se integrarem ao grupo de PLPs formado pela ONG Themis Gênero e Justiça (que, de agora em diante, vou chamar de ONG Themis) e atuarem como voluntárias nas denúncias de abusos e violência contra mulheres nas suas comunidades, ou ao aderirem ao curso de Radioweb e Educomunicação, tiveram a oportunidade de se inserir de forma diferente no sistema. Em suas falas em um vídeo gravado ao final do primeiro encontro da oficina de Radioweb (ver documento 1), indicam que se inscreveram no projeto de Radioweb para aprender algo novo, porque queriam (se) aprimorar (no uso do computador, por exemplo), mesmo tendo já uma experiência de inserção social (descrevem sua participação na luta pela moradia, pela saúde, pelos direitos das mulheres). Os textos escritos e lidos por elas neste vídeo situam estas mulheres como ativistas sociais.

Como aprofundar então o questionamento sobre as implicações da intersecção das dimensões de raça, gênero e classe nas vidas destas PLPs, e da historicidade e totalidade que perpassam suas histórias? É preciso perceber a complexidade de suas histórias para além do que nos revelam nas entrevistas. Para fazer esta reflexão, busquei inspiração no blog da Radioweb “PLPs Vozes em Ação”. A primeira imagem que vi foi a do logotipo. Recordo que as próprias PLPs foram sugerindo a forma desta mulher: com um cabelo que lembra o *blackpower*, sobre um fundo listrado rosa. E, sobretudo, em posição de quem fala, quem quer ser ouvida, que abre a boca. A pele desta mulher/logotipo tem cor, que é violeta. Sua boca entreaberta espalha os resultados das lutas de muitas outras mulheres que vieram antes e de muitas que seguirão lutando, como sugere a imagem:

Figura 4 – Logotipo da Radioweb PLPs Vozes em Ação



Fonte: Blog PLPs Vozes em Ação (2022)¹¹

Ainda que esta pesquisa não pretenda se aprofundar em questões de gênero e raça, o conceito de Lugar de Fala, aqui abordado a partir da obra de Djamila Ribeiro (2019), é importante para compreender a função da Educomunicação e TS entre as participantes. Entre as PLPs, as mulheres negras estão presentes com suas narrativas de desigualdade.

Djamila Ribeiro (2019) informa que o conceito está ligado à localização social. Todas as pessoas têm lugar de fala, e podem discutir e refletir sobre a opressão, por exemplo. Mas é fundamental que aquelas que pertencem a um grupo social privilegiado em *locus* social enxerguem as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como impactam a constituição de lugares de grupos subalternizados. Os dois grupos, portanto, falam de lugares distintos.

Afirma a autora:

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder [...]. Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, lutar pra romper com o regime de autorização discursiva. (RIBEIRO, 2019, p. 69).

Ao citar outras autoras que debatem o tema, Ribeiro (2019) mostra como as mulheres

¹¹ Imagem retirada do blog do projeto disponível em <http://plpsradioweb.blogspot.com/> e acessado em 13 de julho de 2022.

negras historicamente produziram saberes e insurgências, e que esses saberes produzidos por quem é discriminado são lugares de potência, configurando o mundo por outros olhares e geografias. Ressalta também que a resistência dessas pessoas não deve ser romantizada.

As mulheres negras que entrevistei atuam ou atuaram como trabalhadoras domésticas. Gostaria de salientar que foi essencial para o meu despertar sobre o conceito de Lugar de Fala – digo “meu despertar” enquanto mulher de pele branca, descendente de europeus, classe média/alta, com formação universitária – ter trabalhado como assessora das ONGs Coletivo Feminino Plural, entidade de defesa dos direitos das meninas e mulheres, fundada em 1996, e para a ONG Themis, criada em 1993 para enfrentar a discriminação contra mulheres no Sistema de Justiça. A ONG Themis foi responsável pela criação dos cursos de formação de PLPs.

Entre outras atividades realizadas para estas organizações, colaborei para a redação e edição de manuais e publicações, bem como no processo de discussão e elaboração de documentos. Um deles foi o Relatório Alternativo do Consórcio de Redes e Organizações do Brasil para o Monitoramento da Convenção sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação contra as Mulheres (em língua inglesa, *Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination Against Women*, CEDAW), nos anos 2013 e 2014¹².

Saliento especialmente a publicação “Trabalhadoras Domésticas: construindo a igualdade no Brasil”¹³, da ONG Themis, para a qual entrevistei mulheres presidentas de sindicatos de trabalhadoras domésticas sobre suas trajetórias até a inserção no movimento sindical. Tomar conhecimento das narrativas destas mulheres e sua práxis diz muito sobre o conceito de Lugar de Fala e a importância da sistematização e dos registros de experiências para compreender como se dá o processo de transformação social. Percebo que as narrativas registradas por meio de TS em oficinas de Educomunicação têm um papel de reforço do Lugar de Fala e podem inspirar diálogos geradores de mudanças sociais entre as PLPs.

¹² Disponível em: <https://www.tjsp.jus.br/Download/Pdf/Comesp/Convencoes/CedawRelatorioAlternativo.pdf>
Acesso em: 27 fev. 2021.

¹³ Disponível em: <https://themis.org.br/wp-content/uploads/2018/07/REIMPRESS%C3%83O-REVISTA-THEMIS-1-cdr-1-versao-17-1.pdf> Acesso em: 27 fev. 2021.

4 DE CAÇA-NÍQUEIS A RÁDIO MÓVEL: A TS E SUA RELAÇÃO COM ESTA PESQUISA

Descrevo neste capítulo a origem da TS Rádio Móvel, equipamento sustentável e replicável de baixo custo, com potencial de utilização em diferentes situações e contextos, e como cheguei à Radioweb utilizando esta TS com as PLPs.

4.1 A ORIGEM DA PARCERIA ENTRE A PESQUISADORA, A ONG THEMIS E O POLO MARISTA ENVOLVENDO EDUCOMUNICAÇÃO, MOVIMENTO SOCIAL E TRABALHO

A Rádio Móvel foi uma ideia do então educador Juliano Machado do Nascimento, um jovem morador do bairro Mario Quintana, localizado na violenta periferia de Porto Alegre (RS), onde se localiza o Polo Marista de Formação Tecnológica. A ideia foi executada com apoio de Nederson Menezes Cardoso e de Felipe Santos Silva, também na época educadores da mesma escola. Localizado no CESMAR, o Polo Marista de Formação Tecnológica¹⁴, é um espaço de desenvolvimento de projetos de protagonismo e emancipação de jovens e adultos da comunidade do bairro Mario Quintana, uma área imersa em situações de miséria, fome e de conflitos pelo tráfico de drogas.

Por se tratar de um equipamento de gravação e/ou reprodução de programas em áudio que pode ser facilmente transportado de um lugar a outro, a Rádio Móvel permite uma comunicação livre e direta, gratuita, a toda e qualquer comunidade ou pessoa, independentemente de classe social, local de moradia. Pode ser utilizado como rádio-poste, dentro de um ambiente específico como rádio interna, como radioweb, ou como rádio comunitária.

Graças a suas características, esta TS pode ser replicada com baixo custo. Funciona com programas de software livre de captação e edição de áudio, como o Audacity. Os modelos construídos no Polo utilizam praticamente todos os componentes – computador, mesa de som, microfone, tela – recuperados, reconstituindo a utilidade de equipamentos descartados ou considerados obsoletos, doados por instituições ou pessoas para o Polo e outras instituições e pessoas que trabalham pela democratização das mídias e solidariedade

¹⁴ Polo Marista de Formação Tecnológica. Disponível em: <https://social.redemarista.org.br/centro/polo-cesmar/sobre> Acesso em: 17 mar. 2021.

digital.

A ideia do projeto de Radioweb com a Rádio Móvel surgiu depois de dois encontros casuais em que a TS me foi apresentada. Durante o Fórum Internacional de Software Livre (FISL), na PUCRS, em 2013, assisti à palestra da educadora Fabiana Renata da Silva sobre a inclusão de crianças através da Rádio Conexão Livre do CESMAR, que usava o primeiro modelo de Rádio Móvel. No mesmo ano, conheci os educadores Juliano Machado do Nascimento e Felipe Santos, que eram do CESMAR, no curso de Formação em Educomunicação – Módulo Rádio, promovido pelo Instituto GENS de Educação e Cultura e pelo Projeto Cala-boca já morreu, em São Paulo. Na ocasião, eles apresentaram a Rádio Móvel.

Juliano Machado do Nascimento explicou que era comum os educadores terem de montar o estúdio de rádio fora do espaço da escola, para atividades como o FISL. Lembrou então que contraventores colocavam as máquinas caça-níqueis – ilegais no Brasil – dentro de caixas, assim poderiam carregá-las mais facilmente para fugir da polícia. Por que então não colocar em uma caixa a estrutura de uma rádio e assim facilitar a participação nos eventos? E foi assim que surgiu a primeira Rádio Móvel, também chamada de Rádio-Maleta, pelo seu formato de caixa (Figuras 5, 6 e 7). O primeiro modelo foi montado com a estrutura de uma máquina caça-níquel apreendida pela Receita Federal e doada para fins educacionais ao Polo Marista. Na época, equipamentos aparentemente obsoletos ou estragados eram doados e reconicionados pelo Polo Marista de Formação Tecnológica.

A Rádio Móvel também permite a qualquer pessoa tomar contato com noções básicas da mídia, já que, para colocá-la em funcionamento, é preciso produzir ou pelo menos reproduzir conteúdos. Como jornalista, em virtude dos trabalhos alternativos que já vinha fazendo conforme descrevi anteriormente, vislumbrei na Rádio Móvel uma ferramenta para colocar em prática os objetivos de educação para a mídia, protagonismo e práxis crítica que fazem parte dos princípios da Educomunicação.

Figura 5 – Juliano, o criador



Legenda: Juliano (em pé, à direita), explica a TS da Rádio Móvel em oficina no Fórum Social Mundial POA+15 em 2016.

Fonte: Blog PLPs Vozes em Ação (2022).

Figura 6– A primeira Rádio Maleta



Fonte: Blog PLPs Vozes em Ação (2022).

Figura 7 – A Rádio Móvel



Fonte: Blog PLPs Vozes em Ação (2022).

O que me chamou a atenção foi que o símbolo máximo do capitalismo – uma máquina caça-níqueis – poderia se transformar em um equipamento sustentável para o exercício social e solidário da comunicação para a educação. E mais: a partir dos saberes e conhecimentos compartilhados por um estudante em um ambiente escolar, com potencial de multiplicação para movimentos sociais e quaisquer outros grupos e pessoas interessadas. Os alicerces de uma ponte ligando saberes e conhecimentos estavam lançados.

A Rádio Móvel despertou minha atenção nestes dois eventos iniciais, o que me levou à troca de e-mails e telefones. Na volta a Porto Alegre, a parceria se formalizou e consolidou. Em 2013, comecei a utilizar a Rádio Móvel em cursos e oficinas de leitura crítica da mídia e análise de discursos dentro do CESMAR com estudantes do trabalho socioeducativo, e sugeri inseri-la na atividade com as PLPs à ONG Themis, para a qual eu trabalhava como assessora de comunicação. Em parceria com o CESMAR surgiu o primeiro projeto de Radioweb com as PLPs.

A certificação da TS pelo Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil em 2017 foi uma iniciativa tomada pelo Polo para difundir o uso do equipamento na área da comunicação e educação com o princípio transformador da TS.

4.1.1 O surgimento da Radioweb PLPs Vozes em Ação

As PLPs são mulheres lideranças comunitárias formadas em cursos organizados pela ONG Themis Gênero, Justiça e Direitos Humanos para atuarem no bairro ou região na qual estão inseridas. Seu trabalho consiste em fazer a defesa, orientação e triagem de demandas de violação de direitos, e a prevenção de violações através da educação sociocomunitária. Para isso, participam de uma formação organizada pela ONG Themis com noções de Direito, Cidadania, Gênero, entre outros temas que têm se ampliado ao longo dos anos. Participam de conselhos, conferências, comissões e fóruns. O projeto das PLPs começou em Porto Alegre e se estendeu para outras cidades do Brasil.

Conforme está documentado em áudios, fotos, vídeos e textos públicos divulgados no blog da Radioweb PLPs Vozes em Ação¹⁵, a rádio surgiu para abrir mais um canal de comunicação das PLPs com as comunidades em que atuam e com a sociedade em geral. As PLPs que participaram foram selecionadas por inscrição prévia e por morarem próximo ao CESMAR, onde seriam realizadas as oficinas, no bairro Mario Quintana de Porto Alegre. A ONG Themis disponibilizava um auxílio/diária para as participantes.

O grupo inicial era composto por seis integrantes, com faixa etária entre 40 e 80 anos de idade: Clélia Mariza Marques, Geiza Ribeiro Vargas, Tânia Mara da Silva Garcia, Filaman Marley dos Santos, Maria Terezinha, Elvení da Cruz Alves e Loreni Lucas. Eu participava da coordenação e orientação das oficinas, junto com a educadora Fabiana Renata da Silva e o educador Juliano Machado do Nascimento, com apoio do estagiário Rômulo Vizzoto, todos ligados ao Polo Marista. As reuniões iniciaram às quartas-feiras, das 14h às 17h, e, durante o ano de 2014, passaram a ser nas sextas-feiras, no mesmo horário, quando o estúdio não era ocupado pelos estudantes regulares.

Na primeira fase do projeto da Radioweb, de outubro a dezembro de 2013, as PLPs se familiarizaram com computadores e redes sociais, e treinaram o uso de algumas ferramentas da comunicação, como microfone, gravador, máquina fotográfica, celular e computador. Essa formação técnica era feita por Juliano e Fabiana. Minha participação consistia em apresentar conteúdos em mídia e promover a análise crítica de informações recebidas por meio de programas de televisão, jornais, revistas e Facebook, de forma a estimular as participantes a refletirem, sempre de forma coletiva, sobre o papel dos meios de comunicação tradicionais,

¹⁵ PLPs Vozes em Ação. Disponível em: <http://plpsradioweb.blogspot.com/p/historia.html> Acesso em: 27 fev. 2021.

quem eles representavam e a que público se dirigiam.

A partir de março de 2014, o grupo se reorganizou, em função de problemas pessoais de cada integrante. Permaneceram as PLPs Clélia, Geiza, Tânia Mara e Filaman (Figura 8 e 9). Neste ano, atípico por conta da realização da Copa do Mundo, as reflexões se aprofundaram com leituras de textos sobre a exploração sexual de jovens e mulheres durante o Mundial de futebol, e análises de fotos, uso de palavras, contextualização de notícias sobre direitos humanos em geral. Feriados em função dos jogos às vezes interferiam no processo normal das oficinas.

Figura 8– PLPs Vozes em Ação – Protagonistas



Legenda: Da esquerda para a direita (primeira linha): Tânia entrevista, e Clélia fotografa; Geiza grava texto; Tânia grava texto; Filaman grava texto. Da esquerda para a direita (segunda linha): Filaman entrevista, Clélia segura o gravador; Juliano, Geiza e Clélia gravam no estúdio; Clélia edita o programa.

Fonte: Blog PLPs Vozes em Ação (2022).

Figura 9 – De volta à escola. Oficinas no Polo Marista de Formação Tecnológica/CESMAR



Legenda: As PLPs Vozes em Ação agradecem a Marcus Vinicius Medeiros (ao centro), do CESMAR, que criou o logotipo, e ao educador Juliano Machado (agachado, à direita na foto), que acompanha o grupo e foi um dos criadores da Rádio-Maleta.

Fonte: Blog PLPs Vozes em Ação (2022).

As PLPs exercitaram a elaboração de roteiros, discutiram pautas, pesquisaram informações e gravaram programas com a Rádio Móvel, dentro e fora do estúdio do Cesmar. Paralelamente, continuavam a treinar o uso de computadores, já que muitas, antes das oficinas, não tinham acesso em suas casas, ou relataram ter vergonha de pedir ajuda de filhos e parentes para usar a Internet. Pelo menos duas delas pediram auxílio para instalar e fazer funcionar em suas casas computadores que haviam adquirido, mas que estavam parados num canto de casa. A partir de julho de 2014, Clélia, Geiza, Tânia Mara e Filaman passaram a participar mais ativamente nas gravações em áudio e começaram a editar sozinhas alguns programas utilizando o editor de som Audacity.

Ao longo de 2015, as PLPs Vozes em Ação gravaram programas *in loco*, fazendo a coberturas de eventos na comunidade, cujos registros estão disponíveis no blog. O avanço dessas experiências e sua divulgação no meio acadêmico as levaram a dar uma palestra sobre o projeto da Radioweb na Faculdade de Comunicação da UFRGS. Na PUCRS, elas participaram do VI Encontro Brasileiro de Educomunicação com um pôster sobre a Radioweb colocado na entrada da Faculdade de Comunicação, e nas oficinas do evento, em que tiveram

a oportunidade de relatar para jovens estudantes como, apesar da idade (e este fato foi salientado por uma delas), também estavam fazendo rádio, a “sua” rádio.

Ainda em 2015, o grupo passou a contar com o apoio do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul, que cedeu o estúdio para a gravação de alguns programas. As reuniões aconteceram ali até o final daquele ano. Em janeiro de 2016, as PLPs Vozes em Ação coordenaram uma oficina sobre Educomunicação e a TS da Rádio Móvel falando sobre a experiência da Radioweb no Fórum Social Mundial POA+15 em Porto Alegre (RS). O encerramento do projeto da Radioweb nesta data coincidiu com o fim do financiamento e apoio logístico da ONG Themis.

5 METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta é uma pesquisa qualitativa permeada pela dimensão dialógica da pesquisadora com as participantes da mesma. O objeto do estudo é a experiência de TS/Educomunicação com um grupo de PLPs da Radioweb PLPs Vozes em Ação. As fontes dos dados são documentos e entrevistas semiestruturadas. Com relação aos documentos, são fotos, vídeos, áudios e textos públicos, na sua maior parte construídos coletivamente com as participantes, e programas de áudio gravados no contexto de oficinas de leitura crítica e projetos junto às PLPs. Todos os documentos são públicos e estão acessíveis pela Internet.

Utilizando o auxílio mediador de documentos previamente selecionados entre o material disponível virtualmente, foram realizadas entrevistas com as PLPs que participaram da Radioweb. A análise de documentos e das entrevistas seguiu procedimentos específicos indicados na sequência.

Atenção especial foi dada aos procedimentos éticos na condução da pesquisa. Todo o material avaliado e as entrevistas têm consentimento de uso e divulgação. Em todas as experiências aqui analisadas, os vídeos e os áudios estão disponíveis publicamente em blogs criados especialmente para cada atividade. Os blogs servem para historicizar e divulgar os projetos, bem como torná-los acessíveis para seus participantes, de forma que possam mostrar seus “trabalhos” para amigos, familiares e quem mais quiserem. As entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de Pesquisa (para vídeos e áudios que não sejam públicos). Esta pesquisa, após reformulações a partir de análise dos pareceres da banca de qualificação, foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa CEP da UFRGS, conforme o Parecer nº 5.118.202 (ver anexo H)

5.1 ENTRE APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Um dos desafios enfrentados na condução desta pesquisa enquanto educadora – e, agora, também pesquisadora – foi equilibrar o distanciamento necessário para analisar memórias, documentos e entrevistas com a aproximação inevitável, e a familiaridade existente por ser parte da realização de projetos que se tornaram objeto de estudo acadêmico. Assim como Paulo Freire, acredito que o afeto e a amorosidade são essenciais nas relações dialógicas com as pessoas. No movimento dialético da vida, são tênues os limites entre o desejo de

contribuir para mudar/transformar a sociedade em uma perspectiva emancipatória, e realizar sonhos possíveis, sem cair no assistencialismo. É preciso exercitar muitas vezes a humildade e a reflexão. Exercitei, conscientemente, esses sentimentos ao longo da execução da Radioweb que agora analiso, e deixei fluir a amorosidade e o afeto. Compartilhei momentos de alegrias e tristezas, estando presente em eventos e congressos junto com as PLPs do projeto de Radioweb, bem como em confraternizações. Eventualmente, sigo compartilhando destes momentos, agora mais distante no tempo e no espaço físico, porque fazer/estar “com” estreita laços, estimula o respeito mútuo e aprofunda os diálogos para além das formalidades.

Os documentos analisados que se referem à Radioweb podem ser considerados o resultado de uma troca profícua de saberes e experiências entre as PLPs participantes e a educadora com o objetivo de promover consciência crítica e contribuir para reflexões sobre a realidade e possibilidades de mudanças nesta, num horizonte emancipatório.

A inserção como coordenadora da Radioweb, em oficinas de educação para a mídia, e na construção coletiva e individual dos programas de áudio pelas trabalhadoras PLPs, resultou em reflexões sobre o contexto social, econômico, político, cultural “com” e “pelas” participantes ao longo dos processos de discussão de pautas, gravação, edição e divulgação dos áudios.

Fica claro, assim, os riscos de tamanho envolvimento – foram três anos de atuação com estas mulheres, e contatos por telefone ou mensagens, depois de concluído o projeto. Quivy e Campenhoudt (2005) alertam que uma longa participação na vida de um grupo pode desgastar a lucidez do investigador, fazendo com que deixe de notar o que poderia surpreendê-lo e comprometer o espírito crítico investigativo. Para evitar que essa situação aconteça, sugerem que o/a pesquisador/a leia as suas notas de observação e conte regularmente suas experiências a colegas que não participam do trabalho sobre o terreno. Gilberto Velho (1978) lembra que para “estranhar o familiar” é preciso confrontar intelectualmente e emocionalmente diferentes versões e interpretações sobre fatos e situações. No caso da Antropologia, explica Velho, o “familiar” é um objeto relevante de investigação para perceber mudanças sociais não só em nível de transformações históricas, mas também como “resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas” (VELHO, 1978, p. 46).

Minayo (1972 *apud* MINAYO, 2002) chama a atenção para obstáculos que podem interferir em uma análise eficiente de documentos. O primeiro é a ilusão de que, devido à familiaridade em relação à pesquisa, os resultados sejam óbvios, o que pode levar à

simplificação dos dados e a conclusões superficiais ou equivocadas. Outro obstáculo, conforme a autora, é o envolvimento grande da pesquisadora com métodos e técnicas que a impedem de atentar para os significados presentes nos dados coletados. E, por fim, a dificuldade de articular as conclusões que surgem destes dados com conhecimentos mais amplos e abstratos. Na visão de Minayo, estes obstáculos podem produzir um lapso entre a fundamentação teórica e a prática da pesquisa. A forma de contornar esse problema seria uma maior fundamentação e experiência por parte da pesquisadora; aspectos que busquei alcançar na realização da pesquisa. Penso que a apropriação, ao longo do Mestrado, de fundamentação teórica e metodológica e o exercício de escrita acadêmica, entremeados de diálogos especialmente com colegas e orientadora sobre a minha e suas pesquisas contribuíram com a construção do distanciamento necessário.

5.2 AS ENTREVISTAS

Realizei entrevistas semiestruturadas com elementos metodológicos de entrevistas narrativas. As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas fechadas e abertas. A vantagem das entrevistas semiestruturadas é que a pessoa entrevistada pode discorrer sobre um tema, sem se prender à questão formulada (MINAYO, 2002). As informações são obtidas de forma mais dialógica, com espaço para reflexão sobre sua realidade.

Antes de fazer as entrevistas semiestruturadas com as participantes, fiz uma leitura atenta das recomendações de Sandra Jovchelovitch e Martin W. Bael (2003) sobre entrevista narrativa – método de pesquisa definido por estes autores como “atuação” para encorajar e estimular uma pessoa a contar histórias sobre algum acontecimento importante de sua vida e/ou do contexto social. Jovchelovitch e Bael (2003) sugerem um período prévio de preparação, com tempo, e depois quatro fases na entrevista: iniciação, narração central, perguntas e conclusão. O que me deixou mais tranquila para utilizar os documentos selecionados foi a ideia de empregar auxílios visuais e textos, na etapa inicial, para deslanchar o processo de narração, com o cuidado de não deixar visível meu interesse em um ou outro tópico com mais ênfase. A definição de perguntas foi feita com antecedência, guiada pela hipótese.

Conforme recomendado pelos autores, tentei não interromper as narrações até que elas dessem sinais de que haviam terminado, ou fazer sinais e comentários que não fossem apenas de escuta atenta e encorajamento para seguirem com as narrativas. Eu poderia fazer anotações

para perguntas posteriores, cuidando para não interferir no processo, e estimular ao final, com indagações do tipo “É tudo o que você gostaria de me contar” ou “Haveria ainda alguma coisa que você gostaria de dizer?”

Como jornalista, tenho a tendência a buscar os porquês de quem entrevisto. Jovchelovitch e Bael apontam que, após a escuta da narrativa central, pode-se entrar na fase de questionamento. Nesta etapa, orientam a não perguntar os porquês, mas incentivar que falem “o que aconteceu antes/depois/então”.

Os autores justificam, explicando que toda narrativa irá incluir determinadas justificações e racionalizações; por isso é importante ver como elas aparecem espontaneamente. Da mesma forma, propõem não apontar contradições. Se houver um clima de confiança, referem ser possível, na fala conclusiva, após desligar o gravador, perguntar “por que”, de forma a facilitar a análise posterior. Considerando que já tinha uma relação afetiva construída durante os anos 2013 a 2016 com estas mulheres, tomei a liberdade de manter o gravador ligado a maior parte do tempo.

Os autores alertam também sobre a possibilidade de as pessoas entrevistadas fazerem uma espécie de pré-seleção, construindo histórias que acreditem seja o que a entrevistadora queira ouvir. Nestes casos, sugerem sensibilidade para entender que a narrativa obtida pode ter o propósito de agradar à entrevistadora, mas também de afirmar um determinado ponto dentro de um contexto sobre o qual está lidando. Estes pontos foram levados em consideração na análise final.

Outro aspecto salientado, que busquei aplicar nas entrevistas, foi utilizar perguntas padronizadas para as quatro PLPs, para poder fazer comparações diretas sobre as diferentes entrevistas, considerando um mesmo assunto, quando fosse possível. Reconheci a importância de eu mesma fazer as transcrições, incluindo observações sobre tom de voz e pausas, a partir de minha própria experiência profissional, e providenciei um caderno para fazer um diário de campo durante e após as entrevistas.

Desta forma, penso que posso dizer que a natureza metodológica da entrevista foi entrevista narrativa semiestruturada.

5.2.1 As Entrevistadas

Foram selecionadas as quatro Promotoras Legais Populares (PLPs) que participaram do início ao fim da Radioweb PLPs Vozes em Ação, entre 2013 e 2016. Estas quatro

mulheres tinham em comum, na época, o fato de terem sido formadas no curso de Direito pela ONG Themis, e um histórico de ativismo e participação em outros movimentos sociais, associações de bairro, conselhos municipais e estaduais, Orçamento Participativo, na luta pela moradia, por creches, pela saúde coletiva. Além disso, trabalhavam como assalariadas em serviços gerais, domésticos, como diaristas, faxineiras e secretárias.

Entre outras atividades, Filaman Marley dos Santos esteve na Constituinte de 1988, representando o Círculo de Pais e Mestres da escola da filha e atuou no Orçamento Participativo de Porto Alegre¹⁶, Geiza Ribeiro Vargas foi atuante na ocupação e conquista de moradias no Cohab¹⁷ Rubem Berta, Clélia Mariza Marques participava do conselho municipal de saúde, Tânia Mara da Silva Garcia era atuante no Clube de Mães do Vida Centro Humanístico e no programa Fome Zero¹⁸. Por estas atividades, são conhecidas entre integrantes dos movimentos e entidades sociais de Porto Alegre. Em suas lutas, por vezes se inseriram em campanhas políticas de partidos de diferentes tendências, e em ações assistencialistas. Portanto, a Radioweb era mais um capítulo em uma trajetória consolidada de pessoas com idades entre 55 e 80 anos, ou seja, com um acúmulo de vivências políticas e sociais.

Passei por várias etapas antes de entrar em contato com elas para marcar as entrevistas. Em 2021, criei um grupo no aplicativo de mensagens Whatsapp para reestabelecer contatos com as PLPs, explicando que tinha voltado à faculdade para um Mestrado e que o tema seria o projeto da Radioweb PLPs Vozes em Ação. Inicialmente, apenas três participaram, já que um número de telefone de contato havia mudado. Nos meses antes das entrevistas, portanto, e como não nos falávamos em grupo havia um tempo, trocamos mensagens informais e carinhosas, para saber como cada uma estava. Uma delas passou a enviar periodicamente fotos de suas atividades no atendimento às populações em situação de vulnerabilidade, como chás, bazares, festas, distribuição de cestas básicas. Ao final, obtive o telefone da quarta PLP que faltava. Eu sabia que ela tinha mais dificuldade de acessar a Internet, devido a problemas de visão, então fiz o contato diretamente por uma ligação telefônica.

Paralelamente, fui recuperando a minha memória dessa experiência com a Radioweb: revi vídeos, escutei atentamente os áudios produzidos e divulgados no blog, busquei fotos,

¹⁶ Orçamento Participativo: criado em 1989, consistiu em um processo dinâmico de decisão da população sobre as prioridades de investimentos da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

¹⁷ Cohab - Companhia de Habitação Popular.

¹⁸ Fome Zero foi um programa criado em 2003, pelo governo federal brasileiro, durante o mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, em substituição ao Programa Comunidade Solidária.

textos e anotações em cadernos feitas no período de desenvolvimento das oficinas. Como na época eu não estava fazendo uma pesquisa, mas atuando como comunicadora, estes dados não estavam sistematizados no formato acadêmico. Eram registros pertinentes a meus objetivos comoicineira/comunicadora, cuja intenção já era provocar questionamentos e reflexões sobre a atuação de meios de comunicação, a realidade vivida por estas mulheres e suas posturas ao utilizar um canal de voz – o megafone da Radioweb – para comunicar-se de forma mais crítica e consciente do poder que tinham como multiplicadoras.

Ao mesmo tempo, a leitura de autores e autoras sobre conceitos como trabalho, trabalho como princípio educativo, e saberes da experiência de trabalho, me desafiaram a ampliar e aprofundar meu espectro de análise diante da hipótese feita.

De forma resumida, adotei o seguinte cronograma:

JANEIRO DE 2022

Revisão de bibliografia sobre metodologia de entrevistas narrativas.

Transcrições do material já publicado no blog e site da ONG Themis.

FEVEREIRO DE 2022

Inclusão de outras transcrições de documentos que poderiam ser úteis à pesquisa.

Registro de apontamentos sobre as lembranças destas experiências.

Elaboração do quadro de conceitos, categorias e observações por PLP.

Definição de documentos de mediação.

Retomada do quadro de perguntas e questionamentos.

MARÇO DE 2022

Início dos contatos para as entrevistas.

O primeiro contato foi feito por telefone para explicar o que era a pesquisa, sua importância para dar continuidade e melhorar futuros projetos de Radioweb, e como poderiam contribuir. Foi também uma forma de reatar laços de afetividade que haviam sido interrompidos com o fim da oficina de Radioweb, embora eventualmente nos falássemos por mensagem ou ligação telefônica para parabenizar por aniversários. O convite oficial foi enviado por mensagem escrita pelo aplicativo whatsapp, via telefone, para as próprias PLPs, ou parentes a quem haviam indicado, pela facilidade delas de acesso, depois de um contato

prévio por telefone.

Prezada PLP (nome da pessoa completo)

Gostaria de convidá-la a participar de uma entrevista sobre a experiência de Radioweb de que você fez parte entre os anos 2013 e 2016 com a Rádio Móvel.

As respostas farão parte de meu projeto de pesquisa “EDUCOMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA SOCIAL: desafios e possibilidades de transformação na Educação e no Trabalho das Promotoras Legais Populares”.

Trata-se de meu projeto de Mestrado, que está sendo desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação.

Caso você concorde, entrarei em contato por telefone para agendarmos horário e local.

A entrevista terá em torno de 40 minutos a uma hora, e será gravada. Você será convidada a assinar um Termo de Consentimento de Uso de Imagem.

Caso tenha alguma dúvida, terei prazer em esclarecer pelo fone (51) 999119047.

Aguardo seu retorno. Grata!

Assinatura da pesquisadora

CLARINHA GLOCK

Minha intenção foi, através das entrevistas, analisar nas experiências como elas revisitaram esses saberes, o que permaneceu na memória e o que se manifestou na realidade, em sua práxis.

5.2.2 Roteiro de Entrevistas

As questões do roteiro de entrevista foram produzidas considerando os objetivos e a hipótese da pesquisa. Para cada documento de mediação foram elaboradas perguntas e reflexões justificando sua escolha. Estas perguntas compuseram um roteiro de entrevista que foi elaborado para cada uma das entrevistadas, conforme o modelo a seguir:

Figura 10 – Modelo de roteiro de entrevista

MODELO DE ROTEIRO

1) Leitura dos Termos de Referência
identificada na pesquisa.

2) Dados de identificação
pesquisadora.

Nome completo:

Data de nascimento:

Local de nascimento:

- Que lugar tem essa ex

Sobre a participação

- Por que te inscreveste
- Lembras o que signific
- O que aprendeste no c
- Que atividades fazias
- O aprendizado destas a
- na comunidade, na vida
- De que forma este apr
- O que o curso de E

- A entrevista te fez perceber o sentido?
- Perguntarias algo a mais?

DOCUMENTO 5 – TEXTO

Durante as oficinas, discutimos o seguinte texto:

- Lembravas destes textos?
- Tens cópia deles ou de outros?
- Em algum momento tu sentiste que sofreste racismo porque sofreu racismo o teu pai?

no meio do caminho. (obs: relatei este fato, que foi marcante no dia, porque poderia ajudar a trazer outras lembranças).

- O que te marcou nestas experiências?
- Estas experiências te proporcionaram algum conhecimento novo? Qual (is)?
- Alguma situação ou fato que aconteceu em algum destes eventos te marcou mais ou te chamou mais atenção? Por quê?
- Tu já tinhas dado palestra em universidades antes?
- Tinhas participado de cursos nas universidades antes?
- O que significou (ou qual foi então a diferença) para ti (d)este curso e (d)esta palestra?

DOCUMENTO 7: REPRODUÇÃO DO BANNER

O projeto de Radioweb tinha como objetivos:

“Abrir mais um canal de comunicação das PLPs com as comunidades em que atuam e com a sociedade. Discutir, através da Radioweb, questões de gênero e direitos humanos”
(texto que está no banner e na reprodução do mesmo, que foi entregue a elas)

- A teu ver, ele cumpriu com este papel?
- Poderias descrever alguma outra situação, além das já mencionadas, que foram marcantes para ti?

5) Ao final da entrevista, se possível, fazer uma foto da entrevistada com a pesquisadora.

Fonte: Clarinha Glock.

Queria me reaproximar dessas mulheres com quem convivi muito no passado, e tentar reativar um diálogo sem desconfianças do tipo: para que isso agora, depois de tanto tempo? Sempre existia o risco de a participante achar que eu estaria avaliando sua resposta, e tentar responder o que pensava que eu queria ouvir. No entanto, tenho noção de que, ao relatar uma vivência, a pessoa sistematiza o vivido, porque precisa organizar pensamentos. E que, ao longo das entrevistas, elas puderam também fazer essa sistematização.

O desafio foi o tempo da entrevista e como limitá-la em apenas uma hora sabendo que poderia haver dispersão. Não podia esperar que compreendessem que não estávamos numa conversa de “comadres”, lembrando o passado. E sempre existia esse risco, porque naquela época, mesmo no ambiente do Polo Marista, escutei desabafos sobre seus problemas de família, participei de festas, estive na casa de algumas delas para o Natal e aniversário. De

alguma forma convivi com suas histórias e troquei afetos.

Por tudo o que foi descrito acima, dediquei em torno de dois meses para a seleção e análise dos documentos que foram utilizados nesta pesquisa como auxílio de recuperação de memória.

5.2.3 A seleção dos Documentos Mediadores de Memórias

Uma parte desta pesquisa foi documental, considerando “documento” não só textos escritos e/ou impressos, mas também filmes, vídeos, fotografias, áudios utilizados como “fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador (FIGUEIREDO, 2007 *apud* SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 5). Foram selecionados e analisados documentos públicos gerados em rodas de conversa, textos, áudio, fotos e vídeos disponibilizados no blog da Radioweb PLPs Vozes em Ação, bem como anotações de diários de campo da época que poderiam ser úteis para facilitar as entrevistas, recuperando a memória das participantes e da pesquisadora. Com este objetivo, denominei-os “Documentos Mediadores de Memórias”.

Para fazer esta análise, observei o ambiente em que foram produzidos, e pessoas, grupos sociais e/ou fatos a que fazem alusão, assim como quem são seus autores e com que objetivo produziram aquele documento, ensaiando uma “leitura de entrelinhas”:

Muitas vezes, sobretudo num passado relativamente distante, uma única categoria de indivíduos, ou seja, os que pertenciam à classe instruída podiam expressar seus pontos de vista por meio da escrita. É preciso, então, poder ler nas entrelinhas, para compreender melhor o que os outros viviam, senão as interpretações correm o risco de serem grosseiramente falseadas. (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 9).

Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) sugerem que sejam delimitados adequadamente o sentido das palavras e dos conceitos, especialmente quando contém gírias e linguagem popular, por exemplo. Para a análise do conteúdo, ressaltam o que diz Chizzotti (2006 *apud* SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 11):

Consiste em relacionar a frequência da citação de alguns temas, palavras ou ideias em um texto para medir o peso relativo atribuído a um determinado assunto pelo seu autor. Pressupõe, assim, que um texto contém sentidos e significados, patentes ou ocultos, que podem ser apreendidos por um leitor que interpreta a mensagem contida nele por meio de técnicas sistemáticas apropriadas. A mensagem pode ser apreendida, decompondo-se o conteúdo do documento em fragmentos mais simples, que revelem sutilezas contidas

em um texto. Os fragmentos podem ser palavras, termos ou frases significativas de uma mensagem.

Portanto, utilizei como base documentos extraídos de fontes primárias recolhidas durante os períodos investigados (COHEN; MANION, 1994) e fontes inadvertidas, conforme Bell (1993), como anotações das reuniões. Como havia muitos registros na forma de vídeos, áudios, anotações, entrevistas, tive de fazer uma pré-seleção, sabendo que o projeto se faz na escrita e no decorrer de leituras e, portanto, poderia sofrer mudanças. Para chegar à seleção final, elegi como critérios:

- documentos que indicaram ter provocado mudança de comportamento e práxis crítica na época, seja por uma atitude, frase/narrativa, construção de vídeo/áudio/texto do qual eu tivesse registro, ou que, pelas entrevistas, pudessem ser revelados;
- fatos e/ou situações relacionados aos conceitos da pesquisa, como hegemonia, senso comum, diálogo, práxis crítica, tomando o cuidado, como alerta Bell (1993), de não selecionar apenas documentos e dados que apoiassem meus pontos de vista e de procurar fazer uma seleção equilibrada em relação ao tempo disponível;
- somente registros de fatos e/ou situações relacionados às oficinas e vivências das quais participei diretamente ou que estão bem documentadas, como fotos, textos, áudios e vídeos já publicados.

Facilitou o fato de que o registro em fotos e vídeos ser um hobby antigo, muito antes da existência de facilidades tecnológicas propiciadas pela popularização dos “telefones inteligentes” (*smartphones*), que hoje fazem os dois – tirar foto e gravar vídeos – sem necessidade de ter noção sobre abertura de diafragma, enquadramento, luz. Essa paixão já se manifestava fortemente na minha vida pessoal, acumulando memórias da família e de amizades, e foi naturalmente transferida para as demais atividades, ainda que o material produzido não tenha a qualidade demandada por um profissional.

O número expressivo de documentos disponíveis públicos sobre o projeto de Radioweb se deve, assim, a uma percepção que tive e tenho da importância de: 1) registrar os momentos para gerações futuras e para participantes; 2) imprimir e dar cópias das fotografias para as pessoas retratadas, sempre que assim o permitirem, ou mostrar o vídeo a elas, de forma que tenham um retorno desse registro, mas, mais do que isso, se sintam donas de suas próprias vidas e imagens capturadas pela câmera. Os indígenas dizem que as fotografias roubam a alma. Eu sentia e sinto o compromisso de devolver essa “alma” a quem tão gentilmente me permitiu tocá-la por meio de fotos e vídeos, especialmente quando o acesso às

próprias imagens, por parte destas pessoas, não é algo fácil. A impressão de fotos demandava, então, uma burocracia de tempo e deslocamento, além de custos. Hoje, infelizmente, raramente as fotos são impressas – e a maior parte delas se perde na imensidão de fotografias feitas com celulares.

O terceiro motivo de tantos registros é a certeza de que eram momentos de aprendizagem e trocas que jamais se repetirão, e que de alguma forma estavam fazendo diferença na vida destas pessoas e na minha própria vida. E era preciso contar essas histórias de todas as formas e em todas as linguagens possíveis. Acredito que, com esta pesquisa, estarei contribuindo para que essas histórias adquiram novos significados. E, por fim, a Rádio Móvel, TS criada por estudantes/educadores do Polo Marista de Formação Tecnológica/CESMAR de Porto Alegre, propiciou a gravação em áudio digital do projeto com as PLPs.

Assim, o material gerado nos encontros com as mulheres participantes foi sendo divulgado, ao longo do projeto, em um blog criado naquele período, que segue disponível na Internet, podendo ser acessado também por meio do *site* da ONG Themis. O blog está hospedado em um espaço virtual gratuito (Blogspot.com). As integrantes do grupo de PLPs da Radioweb definiram a cor rosa de fundo e o modelo de sua apresentação. Um educador do Polo Marista se ofereceu para desenhar o logotipo, que foi criado atendendo às sugestões das PLPs. O desenho da mulher, também em cor rosa, com um megafone anunciando o nome do programa, foi decidido coletivamente entre as opções apresentadas. Foi definido que a sombra dessa mulher deveria lembrar características das pessoas negras: cabelos, lábios mais grossos, detalhes com que elas pudessem se identificar e orgulhar.

Para fazer a seleção entre tantos documentos, assisti a vídeos, ouvi áudios e busquei fotos e textos do blog, ou que estavam no canal de vídeo aberto Youtube que poderiam ser geradores de reflexões para cada uma das PLPs, considerando suas histórias de vida e o tipo de participação nas reuniões da Radioweb. Nesta pesquisa, me interessava suas reações frente a atividades e programas em que estivessem envolvidas diretamente. Finalmente, cheguei aos documentos listados neste capítulo. Um mesmo documento foi analisado em distintos aspectos, considerando que:

- 1) nem todas as PLPs estavam presentes em todas as reuniões e atividades do grupo. A ausência poderia acontecer por diferentes razões: problema de saúde da PLP, compromisso no trabalho, ou necessidade de cuidar de familiares;

- 2) houve documentos que suscitaram comentários específicos das participantes na

época, e algumas delas mencionaram, na ocasião, vontade de levar a reflexão originada durante a oficina para seus grupos da comunidade;

3) houve depoimentos isolados, individuais, captados durante os encontros e fora deles.

Uma vez selecionados os documentos, fiz as transcrições daqueles que estavam no formato de áudios e vídeos. E somente então parti para a fase de roteirizar as perguntas e marcar as entrevistas presenciais.

Após o primeiro contato via telefone, em que expliquei o objetivo da pesquisa e por que queria fazer uma entrevista presencial, enviei pelo aplicativo de mensagens Whastapp o convite formal e os documentos selecionados para cada participante, conforme critérios aqui já explicitados, incluindo links de áudios, fotos e vídeos públicos disponíveis no blog da Radioweb PLPs Vozes em Ação e no Youtube. Acrescentei anexos de textos que foram lidos na época da oficina. A escolha do aplicativo Whatsapp foi feita pelas entrevistadas, pela maior facilidade de acesso. Uma delas pediu que enviasse tudo para o aplicativo da filha.

No dia da entrevista, entreguei um kit – neste caso, o mesmo para todas - contendo parte do material que já havia sido enviado por whatsapp: duas fotos coloridas impressas (fotos na PUCRS e na UFRGS, que estão nos anexos), uma cópia colorida impressa em papel especial contendo a reprodução de um banner (também anexado a esta dissertação), cópia em cores do certificado de participação no VI Educom - nominal a cada uma das PLPs -, e cópias em papel preto e branco da frase “Menor mata adolescente” e do texto “Teste do Pescoço”.

5.2.4 Os Documentos Mediadores de Memórias

Descrevo neste subcapítulo os documentos do kit e os demais enviados por mensagem de telefone por Whatsapp, a minha intenção ao utilizá-los, e as reflexões e sentimentos despertados ao fazer a seleção. Para cada documento, elaborei perguntas, que foram incorporadas ao roteiro das entrevistas. Ainda que elas estejam aqui descritas com uma linguagem formal, respeitando a concordância dos verbos com a segunda pessoa do singular, durante as entrevistas utilizei uma linguagem coloquial, comum no sul do Brasil, onde o tu se conjuga como você.

Nem sempre os documentos foram utilizados nesta ordem. Às vezes foram introduzidos antes porque a entrevistada trouxe alguma referência a eles ou a situações em que poderiam estar relacionados.

DOCUMENTO 1 - TRECHOS DE VÍDEO DO PRIMEIRO ANO DO PROJETO

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VuGCtOh7LQg&feature=emb_logo
Acesso em 8 de julho de 2022

Descrição do documento: Postado em 31 de outubro de 2014, o vídeo foi apresentado no final daquele ano para o grupo, em um encontro da oficina de Radioweb. Traz cenas das primeiras reuniões, em situações como a votação do nome do projeto, treinamento para o uso de computadores, visitas de crianças do Cesmar. Apresenta ainda gravações de depoimentos das PLPs participantes desta pesquisa, e outras que não chegaram ao final do projeto, sobre suas expectativas em relação à Radioweb; e leituras dos textos que haviam escrito no computador. Aparecem também nas imagens educadores do Polo Marista e integrantes da ONG Themis. Embora tenha enviado o link para o vídeo pelo aplicativo Whatsapp, eu levei o vídeo em um tablet ou no celular para mostrar durante a entrevista presencial, salientando os trechos em que cada participante falava de suas expectativas em relação ao projeto de Radioweb, e em que lia o texto escrito por ela no computador.

Objetivo: Assim como o banner, este vídeo propiciava retomar lembranças (pelas imagens e falas) e questionar sobre os motivos por que se tornaram PLPs e por que haviam se inscrito para o projeto de Radioweb. As respostas a estas perguntas talvez me possibilitassem entender o significado das experiências vividas com o curso de PLP e com a oficina de Radioweb naquele período de vida das participantes da pesquisa.

Reflexões da pesquisadora antes da entrevista: Fotos e vídeos têm um potencial de mexer com afetos, ao serem associados a dores e alegrias, não necessariamente em relação a quem aparece, mas ao momento em que foram feitos. Este documento foi editado pela pesquisadora em 2014, sem pretensão de uso em pesquisa, apenas como registro histórico de uma experiência coletiva. Minha surpresa foi perceber que poderia ser extremamente útil anos depois, porque muitas cenas foram gravadas imediatamente após a primeira aula prática da oficina, e as PLPs poderiam se ouvir e refletir sobre o que haviam dito.

DOCUMENTO 2 - ÁUDIO DE ENTREVISTA DURANTE A FORMATURA DAS PLPS DA RESTINGA

Disponível em: <http://plpsradioweb.blogspot.com/2015/09/formatura-das-plps-da-restinga.html>
Acesso em 8 de julho de 2022

Descrição do Documento: Publicado no blog em setembro de 2015, contém entrevistas feitas no local da formatura de mulheres no curso de PLPs da ONG Themis, no bairro Restinga, em Porto Alegre (RS). A rádio estava colocada perto do palco. O blog traz fotos das PLPs entrevistando e sendo entrevistadas por um canal de comunicação do bairro. Na época, a ONG Themis estava lançando um aplicativo de celular para denunciar agressões de mulheres com medidas protetivas, chamado PLP 2.0, que seria inicialmente usado pelas PLPs da Restinga. Este é um dos temas das entrevistas. Acompanha esta postagem no blog o vídeo com a música “Mulher Brasileira”, de Benito Di Paula. O vídeo mostra o local, pessoas que estavam no local e as PLPs – recém formadas e mais antigas - subindo ao palco para comemorar. A gravação foi feita por mim, ao final da cerimônia de formatura. Aparece com destaque Filaman (na frente) e Tânia subindo ao palco. Geisa aparece de relance, fazendo fotos. Todas as mulheres dançam, e cantam juntas: “Mulher brasileira em primeiro lugar”. Ao fundo, em um telão, imagens das PLPs formandas. O clima é de alegria. O tempo das entrevistas é de, em média, dois minutos.

Objetivo: Despertar a memória sobre o evento, em que as PLPs Vozes em Ação estavam ali apresentando um novo saber (o uso da rádio), e, ao mesmo tempo, a experiência de ser uma PLP liderança comunitária mais antiga frente às formandas (que eram já conhecidas por elas). A rádio havia saído de dentro do Cesmar para um lugar público. Portanto, estavam levando para fora da oficina os saberes adquiridos, assumindo seu lugar de fala.

Reflexões da pesquisadora antes da entrevista: Minha sensação ao rever o vídeo e ao ouvir novamente as entrevistas feitas pelas PLPs integrantes da Radioweb foi de reconhecimento da importância desse registro, devido às possibilidades de sistematização que representam sobre saberes do trabalho, Educomunicação, uso da TS.

DOCUMENTO 3 – ÁUDIO DE ENTREVISTA SOBRE MÍDIA E DIREITOS HUMANOS, COM LÍVIA DE SOUZA E MARCOS ROLIM

Disponível em: <http://plpsradioweb.blogspot.com/2015/11/midia-e-direitos-humanos-entrevista-com.html> **Acesso em 8 de julho de 2022**

Descrição do documento: Publicado no blog em novembro de 2015, contém entrevista, dividida em quatro partes, realizada dentro do estúdio do Tribunal de Contas do Estado, no período em que a Radioweb utilizou o local para suas reuniões. Marcos Rolim era o coordenador da Comunicação no Tribunal de Contas. Lívia de Souza foi coordenadora de projetos da ONG Themis entre julho de 2014 e fevereiro de 2016. Apenas três PLPs do projeto estavam presentes, como consta na fotografia que acompanha a entrevista.

Objetivo: Esta entrevista tem uma linguagem acessível e atual. Pode ser usada para suscitar reflexões em salas de aula, movimentos sociais, grupos de estudo. Faltou retomar uma escuta mais apurada pelas próprias integrantes do projeto de Radioweb durante o período em que estávamos realizando os programas, por falta de tempo ou planejamento. Os temas discutidos previamente, que foram abordados na entrevista, estão relacionados a conceitos desta pesquisa, como lugar de fala, hegemonia e contra-hegemonia, senso comum, práxis, trabalho.

Reflexões da pesquisadora antes da entrevista: Havíamos feito reuniões preparatórias, discutindo racismo, e influência da televisão e particularmente das novelas sobre a opinião pública em relação à violência contra mulheres. As perguntas elaboradas em conjunto estavam escritas em um papel, e as PLPs tinham uma cópia para que pudessem se lembrar no momento em que estavam ali gravando. Recordo que as ajudei para que tomassem coragem de fazer as perguntas, estimulando-as silenciosamente no meio da entrevista com sinais. Um dos assuntos questionados pelas PLPs no programa foi a respeito de uma ação na Justiça da ONG Themis contra os responsáveis pela música “Um tapinha”, pelo refrão “Um Tapinha não dói”, o que estimularia mais a violência contra mulheres (sobre esta ação, ver<http://themis.org.br/midia/tapinha-doi/> A produtora foi multada em R\$ 500 mil. Ver<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/justica-multa-furacao-2000-em-r-500-mil-por-um-tapinha-nao-doi/>)

DOCUMENTO 4 – ÁUDIO DE ENTREVISTA COM A PRESIDENTA DA FEDERAÇÃO NACIONAL DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS (FENATRAD), CREUZA MARIA OLIVEIRA

Disponível em: <http://plpsradioweb.blogspot.com/2015/07/presidenta-da-fenatrad-fala-sobre-lei.html> **Acesso em 8 de julho de 2022**

Descrição do documento: Publicado no blog em julho de 2015, contém entrevista feita com um gravador portátil (diferente das entrevistas realizadas durante a Formatura das PLPs da Restinga, feitas com a rádio móvel) por duas PLPs integrantes do projeto de Radioweb, sobre a aprovação Lei Complementar nº150, de 1º de junho de 2015, que ampliou os direitos das trabalhadoras domésticas.

Objetivo: Para elaborar as perguntas à presidenta da Fenatrad, antes desta entrevista, as participantes fizeram uma reflexão sobre a própria atividade de trabalho e de pessoas conhecidas (em geral, mulheres – irmãs, amigas) que atuavam como trabalhadoras domésticas. A escuta poderia fazê-las comentar sobre o seu trabalho e direitos conquistados, o que já é uma forma de pensar sobre seu lugar de fala e a sua práxis.

Reflexões da pesquisadora antes da entrevista: As respostas da presidenta da Fenatrad trouxeram implícitas e explicitamente questões de classe, trabalho, luta social, organização coletiva. Esta entrevista pode ser utilizada atualmente para discutir o que representou a nova lei, em que contexto foi criada (foi sancionada por uma mulher, a então presidenta Dilma Rousseff), o que mudou de fato, direitos conquistados e direitos suprimidos. É útil também para se indagar sobre o pequeno número de mulheres em ambientes de poder. Faz referência a duas mulheres com um histórico de combate direto, respectivamente, ao racismo estrutural (Creuza Maria) e à opressão política na ditadura (Dilma Rousseff).

DOCUMENTO 5 – TEXTOS SOBRE RACISMO

Descrição do documento: Durante a oficina de Radioweb, o racismo presente na sociedade foi discutido em pelo menos duas ocasiões de forma direta. Na primeira vez, o grupo se reunia ainda dentro do estúdio do Cesmar. No contexto de leitura crítica dos meios de comunicação, eu trouxe para a oficina a frase “Menor mata adolescente”, em exemplos retirados de jornais e revistas. No senso comum, nestas reportagens, “menor” era sempre associado a um menino ou adolescente negro, infrator, enquanto “adolescente” se referia a um jovem de cor branca, vítima. A pergunta que fiz na época, para gerar reflexão, era: ambos não são adolescentes? Então por que a diferença de tratamento na mídia, e o que essa forma de nomear acarreta sobre a opinião pública? A segunda vez que houve uma abordagem reflexiva sobre o tema aconteceu dentro do estúdio do Tribunal de Contas. A dúvida sobre “o que é racismo?” foi trazida por uma das PLPs participantes, o que me fez levar para leitura coletiva no encontro seguinte o texto “Teste do Pescoço” (Ver Anexo D). A frase impressa em uma folha de ofício, onde se lê “Menor mata adolescente” e o Anexo J foram retomados como documentos mediadores das memórias desta pesquisa.

Objetivo: Na época, uma das PLPs revelou, durante a oficina, ter levado esta reflexão sobre a frase “Menor mata adolescente” para seu grupo de trabalho comunitário, e ter lhes explicado por que era um exemplo de racismo. Fiquei curiosa, portanto, para saber se essa memória estava ainda presente, e se a outra participante que havia questionado sobre racismo, mesmo após tanto tempo de leitura do texto e da frase, teria lembrado e elucidado o questionamento sobre o tema, de alguma forma, para sua realidade. Acreditava que poderia ser um exemplo de formação e transformação emancipatória da Radioweb. Aproveitei a oportunidade para saber se haviam guardado algum outro documento impresso, já que aqui eu estava lidando com algo palpável, não só áudios e vídeos.

Reflexões da pesquisadora antes da entrevista: O documento 6 (aqui desdobrado em frase e texto sobre racismo) tem a ver com conceitos como lugar de fala, senso comum, hegemonia e contra-hegemonia. A possibilidade de terem guardado algum outro documento impresso

poderia ser significativa na análise posterior.

DOCUMENTO 6 – FOTOS

As duas fotos (Anexos E e F) foram enviadas por Whatsapp e também entregues, em formato impresso, no kit para cada participante. Foram utilizadas como geradoras de reflexão juntas, porque se referem a situações parecidas, em que as PLPs foram convidadas ou se inscreveram (no caso do Educom VI) para apresentar o projeto da Radioweb PLPs Vozes em Ação em ambientes universitários, levando suas experiências com a rádio para fora de seus locais de trabalho e de oficina.

DOCUMENTO 6.1 – FOTO NA UFRGS

Disponível no Facebook pessoal de Clara Glock, de outubro de 2015:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=10153579937961224&set=pb.734166223.-2207520000..>

(Ver Anexo E)

Descrição do documento: As PLPs foram convidadas a dar uma palestra sobre o projeto da Radioweb na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 7 de outubro de 2015. Ao final do encontro, tiraram esta foto coletiva com todas as pessoas que estavam na plateia.

DOCUMENTO 6.2 – FOTO NA PUCRS

Disponível no blog em: <http://plpsradioweb.blogspot.com/2015/06/vi-educom-na-pucrs.html> Acesso em julho de 2022.

(Ver Anexo F)

Descrição do Documento: A foto mostra as PLPs integrantes do projeto de Radioweb junto ao banner que foi exposto durante o VI Educom na PUCRS na entrada da Famecos.

Objetivo: Tanto o encontro na Famecos, como a aula-curso a que foram convidadas a ministrar na Fabico, a meu ver, representaram momentos de afirmação da identidade das PLPs. Como adendo a estes documentos, entreguei impresso também a elas uma cópia

colorida do Certificado (nominal) de Participação no VI Educom, concedido pelas entidades organizadoras, como mais uma tentativa de resgatar as memórias.

Reflexões da pesquisadora antes da entrevista: Ao divulgarem o projeto da Radioweb na UFRGS e na PUCRS, estavam também exercitando os princípios da Educomunicação, que incluem a sistematização e reflexão crítica sobre o que se está produzindo.

DOCUMENTO 7 – REPRODUÇÃO DO BANNER

(Ver Anexo G)

Obs: Este documento foi enviado pelo Whatsapp e uma cópia foi impressa em papel colorido e entregue como lembrança, na ocasião da entrevista, para as quatro entrevistadas. Como seu conteúdo está relacionado a uma das fotos (em que ele aparece), foi utilizado em sequência do documento 6.2, para servir como facilitador nas buscas pelas memórias vividas pelas PLPs.

Descrição do Documento: Contém fotos e textos explicativos sobre a Radioweb PLPs Vozes em Ação. Foi apresentado no VI Encontro Brasileiro de Educomunicação (VI Educom), realizado entre 10 e 12 de junho de 2015 na Escola de Comunicação, Artes e Design (Famecos) da PUCRS. As PLPs participaram de oficinas realizadas durante o encontro e o pôster foi exposto na entrada Famecos. No pôster, estão descritos o objetivo do projeto, quem participa, quem e o que fazem as PLPs, e o que é a TS da Rádio Móvel. Nas fotos, as PLPs aparecem em entrevistas, editando, fazendo locução/gravação com a rádio.

Objetivo: Como o documento é abrangente, o objetivo era lembrar a participação das mulheres na rádio em todas as suas etapas: da construção coletiva dos textos, entrevistas, edição, locução/gravação. Todas estão nas fotos. A descrição do objetivo da Radioweb (que consta no banner) foi lida durante a entrevista para estimular comentários e impressões sobre o que foi realizado na época.

Reflexões da Pesquisadora antes da entrevista: este banner permaneceu comigo após a conclusão do projeto. Mantê-lo em um armário, enrolado, me pareceu sempre um desperdício: de oportunidades de reflexão e de conhecimentos gerados que seguem disponíveis no blog, mas que a população em geral não acessa porque desconhece. Há muitos simbolismos ali, que poderiam ser estudados, tanto pelo viés da comunicação, como da educação: o logotipo e o nome da rádio, criados coletivamente; os objetivos expressos; a explicação sobre a TS da Rádio Móvel; o fato de as participantes serem mulheres adultas, e não jovens, como são

comumente associados os/as produtores de “podcast” – termo em inglês para áudios gravados.

5.2.5 Análise das Entrevistas

As quatro entrevistas foram gravadas e inteiramente transcritas. Foram entrevistas presenciais, mantendo as medidas de segurança sanitária, como uso de máscara e distanciamento social, em ambiente arejado, porque ainda havia risco de contaminação pela Covid-19. Duraram em torno de uma hora. Retirei das análises informações que poderiam identificar as entrevistadas, conforme acordado com elas antes do início das entrevistas, em respeito às questões éticas na pesquisa. As entrevistadas demonstraram compreender os trâmites de leitura e assinatura dos Termos de Consentimento, em função de suas experiências prévias em situações de assembleias e participação em coletivos e eventos que exigiam estas formalidades. Apenas uma assinou o nome sem o sobrenome, em função de estar com problemas de saúde e tremendo muito a mão. Mas o seu consentimento está também expresso nas gravações.

Todas as participantes informaram seus dados pessoais (data e local de nascimento, número de filhos e filhas, tempo de atuação como PLP, experiência anterior em atividades ou movimentos de luta popular), que compõem o contexto histórico e singular para a pesquisadora chegar às conclusões e observações registradas em quadros para análise. Estes dados permanecerão sigilosos, e serão mantidos em local seguro pela pesquisadora. Foram mencionados somente aqueles importantes para a compreensão dos resultados da pesquisa. As participantes escolheram um nome fictício pelo qual são identificadas nas análises.

As quatro entrevistadas tiveram Covid-19, sendo que uma delas com mais gravidade, com risco iminente de morte apontado pelos médicos durante a internação hospitalar. É preciso levar em consideração que, além do tempo decorrido entre a realização das oficinas de Radioweb (2013-2016) e as entrevistas para esta pesquisa, aconteceu a pandemia de Covid-19, doença que causou sequelas e milhares de mortes, e interferiu na vida da população em geral – destas mulheres, inclusive. Especulo se estes fatos influenciaram nos resultados das entrevistas. As intercorrências da vida de cada uma ao longo desse período e a própria Covid-19 são aqui mencionadas pelos efeitos que podem ter sobre a memória, e, no caso da doença, as sequelas psicológicas, o que é comprovado em estudos científicos¹⁹. Considero que as

¹⁹ Segundo o informe nº 10, de junho de 2022, da Rede de Informações e Comunicação sobre a exposição ao SARS-CoV-2 em trabalhadores no Brasil, a Covid longa ou Síndrome Pós-Covid é uma condição de saúde

pesquisas feitas durante e após o auge da pandemia devem adicionar como fator de análise o contexto social e político, bem como de saúde (e, portanto, singular) dos/das participantes.

Os aspectos analisados estão fartamente documentados, e as respostas obtidas mediante a leitura/observação/audição dos documentos previamente selecionados na presença das entrevistadas – portanto, *por* e *com* elas – indicam reações e comentários espontâneos, constatados presencialmente, e por vezes de forma repetida nos encontros.

A seguir, relato como foram feitas as entrevistas utilizando os documentos selecionados e o *kit* já descrito, para auxiliar na recuperação da memória das participantes. Apresento considerações que me levaram a uma aproximação com a minha hipótese de pesquisa. Utilizei os nomes fictícios escolhidos pelas mulheres para sua identificação.

5.2.6 Transcrições

As transcrições foram feitas, em geral, de três dias a cinco dias depois de acontecerem as entrevistas. Esse tempo entre o fazer as questões e depois novamente ouvir as respostas foi importante para eu elaborar, repensar e aprofundar a experiência da entrevista feita. O fato de eu mesma, como pesquisadora, fazer as transcrições me permitiu atentar para aspectos que poderiam ter passado despercebidos. Fui assinalando pausas, titubeios e sentimentos despertados na ocasião – alguns foram anotados imediatamente após os encontros, à mão (e pensamento) livre, para facilitar futura consulta e registro.

As transcrições ajudaram a refletir sobre a relação com a hipótese e com os conceitos escolhidos. Isto é, contribuíram com a análise do conteúdo das entrevistas. À medida que fui transcrevendo, e depois, ao editar as entrevistas, procurei estabelecer um diálogo entre teoria e empiria, para analisar e interpretar o que havia sido dito.

Com base nas transcrições, elaborei um quadro para cada entrevistada, com quatro colunas. Na primeira, inseri trechos das entrevistas que considerei relevantes para a análise. Na coluna ao lado, relacionei a conceitos e categorias na perspectiva de analisar e interpretar as falas. Na terceira coluna, fiz observações sobre o contexto e a história de vida das participantes. A elaboração destes quadros facilitou a posterior análise, que apresento a seguir.

5.2.7 Mariley

Esta entrevista foi feita na casa da entrevistada. Embora tenha dispensado a leitura, por ela mesma, dos Termos de Consentimento e Uso de Imagem, por “ter confiança na pesquisadora”, ouviu-os atentamente e, ao final, sinalizou: “Tá bem esclarecido!” Pelo fato de ter se mudado mais de uma vez de casa desde o fim das oficinas de Radioweb, relatou ter tido dificuldade de encontrar textos, fotos ou qualquer outro material da época, como havia sido solicitado antes da entrevista presencial. Mas referiu que tinha alguns deles guardados em caixas antes das mudanças.

No início da entrevista, antes de qualquer pergunta, relatou que se lembrava sempre de uma orientação dada sobre como “falar em rádio” e que adotou para o seu dia a dia. Deixou de dizer “eu acho” ao fazer comentários ou dar suas opiniões. Passou a falar “Eu acredito”. Era uma referência à reflexão coletiva feita na época da Radioweb, de que não se pode falar tudo o que se pensa sem contextualizar, certificar-se de que é um fato comprovado, porque, como PLPs e comunicadoras, elas teriam uma responsabilidade ainda maior com a verdade, a ética e a informação. Do contrário, poderiam provocar estragos na vida de uma ou mais pessoas, ou estarem sendo manipuladas. Interpretei esse comentário de Mariley como uma consequência direta de nossos exercícios com a TS e a Educomunicação. Um indício de práxis crítica.

Em meio a seus relatos, lembrou de um livro do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3), da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, de 2010, que ela tinha entre seus pertences, e perguntou se eu teria interesse, porque estava se desfazendo para liberar espaço. Eu disse que sim. O fato de me associar a um livro que traz o levantamento de denúncias de direitos humanos mostrou, a meu ver, que este tema é “nosso”, e, por conseguinte, também do projeto de Radioweb.

Outro fato chamou a atenção, no momento de encerramento da entrevista. Havia me despedido, estava saindo da casa acompanhada por uma familiar de Mariley que foi abrir o portão, quando uma pessoa se aproximou e perguntou se havia algum alimento ali para doar. Era um vizinho novo nas redondezas. A parente de Mariley foi para dentro da casa, trouxe um quilo de alimento, e deu para esta pessoa. Há um aspecto simbólico destas duas ações: o presente do livro, e a naturalidade com que um membro de sua família ajudou o vizinho desconhecido. Uma singularidade que diz respeito à história de Mariley e sua atuação colaborativa, comunitária, solidária, o que talvez explique por que, mesmo após tanto tempo,

com problemas de saúde, acolheu esta entrevistadora e respondeu cuidadosamente às perguntas.

As lembranças despertadas pelas fotos e vídeos apresentados provocaram uma impressão positiva na filha de Mariley. Foi a filha quem disse isso, por mensagem via aplicativo Whatsapp, afirmando que guardaria esse material com ela, porque não tinha tido acesso antes.

O encontro presencial com Mariley fez retomar os laços de afetividade que surgiram durante o projeto da Radioweb. Em sua fala de agora, confidenciou ter descoberto que uma integrante de sua família havia sofrido violência, e que ela, como PLP, só o soube depois. Referiu-se a esta descoberta com um misto de pesar e compreensão de seus limites como ser humano.

O uso de termos como “bagagem” associado à “experiência”, “aprender”, “estar sempre aprendendo”, e as conclusões de que o mundo está mais racista (até no hospital, como relatou), diante das provocações de lembranças sobre o tema, a partir dos documentos, pode indicar que a Radioweb serviu para acrescentar saberes e conhecimentos.

Eis o diálogo:

(Pesquisadora): Por que tu te inscreveu naquele curso da Educomunicação, com a Rádio Móvel?

(Mariley): Porque eu queria aprender mais! (riso)

(Pesquisadora): O que tu queria aprender?

(Mariley): Principalmente, a lidar com o computador, né? As pessoas que tavam passando pra nós, a gente só tinha que se somar com elas e foi o que aconteceu.

Perguntei se havia comentado sobre o que se falava na oficina da rádio com alguém, ou no seu local de atuação. Disse Mariley:

Mesmo eu tando com problema de saúde, mesmo eu tando numa cama de hospital, eu usei os meus conhecimento.

Em outro ponto da entrevista, acrescentou:

Depois, eu conversando com a vizinha da frente, e a do lado. Tem uma que é evangélica. Essa sempre dizia: ah, mas tu tem muita sabedoria! Aí eu dizia pra ela: todos nós temos.

Às falas abaixo de Mariley sobre a utilidade da Radioweb associei o conceito de contra-hegemonia de Williams, que relaciono nesta pesquisa a uma ação por meio da rádio para combater o senso comum da atualidade, que é a desinformação.

Mariley afirmou:

Eu acredito que esta rádio deve continuar, porque tem as notícias na televisão, mas nem tudo passa ali. Nem tudo é como eles tão dizendo. E pela Radioweb tu pode falar tudo o que tu sente, tudo o que tu viu.

Perguntei que tipo de conteúdo, ao que ela respondeu:

Tudo o que tivesse no meu alcance. [...] o racismo, principalmente. A violência... o adolescente.

O tema Racismo apareceu mais de uma vez em sua entrevista. Foi despertado pelos textos enviados por Whatsapp e entregues junto com kit dos documentos mediadores das memórias. Como já citado, ela o relacionou a uma situação presenciada quando estava internada no hospital. Depois, o colocou entre os assuntos que abordaria caso fosse reativada a rádio.

Mariley o trouxe à tona também quando a questioneei se havia ouvido o programa gravado com a presidenta da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad), cujo link foi enviado pelo Whatsapp, e se essa escuta havia lhe proporcionado algo em termos de aprendizado. Ela respondeu:

Sim, sim. Principalmente, por que só as mulheres negras que têm que tá na cozinha, que têm que tá naqueles trabalho doméstico? As mulheres brancas também têm que tá. Elas [mulheres negras] não podem ser discriminada como tão sendo. [...] Olha, eu...até ali, eu vi o quanto a minha criação foi errada, porque eu me criei ouvindo dizer que negro era pra cozinha.

A ação e reflexão proporcionada pelos programas gravados e o fato de ter tido a oportunidade de falar sobre eles com estudantes nas universidades em atividades para além do projeto de Radioweb, pode ter servido para acrescentar elementos de práxis crítica a uma vida que já estava orientada neste sentido, como indicam os documentos selecionados e outros, disponíveis publicamente.

5.2.8 Suzana

Esta entrevista foi feita no pátio da sede do Cesmar, onde fica o Polo Marista de Formação Tecnológica, por escolha da entrevistada. Foi neste local que se iniciou o projeto de Radioweb. Após ouvir a leitura dos Termos de Consentimento e Uso de Imagem, Suzana disse: “Ô.mais claro que isso, só dois isso!” Como declarou não ter conseguido escutar nem assistir aos documentos de áudios e vídeos enviados previamente pelo aplicativo Whatsapp, concordou em fazê-lo ao longo da entrevista, junto com a entrevistadora. Acolheu com

receptividade as fotos e materiais que foram impressos e entregues a ela como lembrança do acontecido e como estimuladores de rememoração do acontecido.

Durante as apresentações dos áudios e vídeos foi fazendo comentários. Reconheceu a camiseta do Cesmar, que usavam na oficina, e disse que a havia guardado em alguma caixa, já que estava trocando de endereço. Falou ainda que havia sido entrevistada antes para outra dissertação de Mestrado. Demonstrava assim que suas experiências estavam sendo reconhecidas também por acadêmicos.

O primeiro documento mediador de memórias apresentado foi o vídeo com imagens e áudios do início do projeto de Radioweb. Enquanto assistia ao vídeo, Suzana falou: “Eu me sinto excluída hoje”. Perguntei o porquê. Ela comentou que não estava mais atuante como antes, nem como PLP, nem na rádio, em função das mudanças em sua vida (propositalmente deixei de fora alguns detalhes sobre estas mudanças para manter o sigilo sobre a entrevistada). Ao ver no documento outras PLPs que começaram a participar da Radioweb, mas não ficaram até o final do projeto, adicionou: “É pena que nem todas terminaram o curso!”.

Trago aqui os conceitos de saberes da experiência do trabalho, lugar de fala e a própria práxis crítica para interpretar uma frase repetida por Suzana nesta entrevista. Esta declaração foi feita depois de se ver num dos vídeos historicizando sua participação em uma ação comunitária:

[...] naquele tempo, a gente não tinha tanta instrução. A vida ensinou muito mais...é uma pena que a vida não dá um diploma pra gente.

Ressaltou que as atividades de trabalho na comunidade haviam lhe trazido muitos ensinamentos. Lamentou não ter condições físicas para fazer mais. E o que aprendeu? perguntei. “Tudo!”, resumiu, acrescentando:

A me portar, a reconhecer determinadas situações...a violência contra a mulher, violência contra a criança. Uma série de coisas eu aprendi a reconhecer de longe. E brigo, se for preciso.

Há uma mistura de conhecimentos nesta fala: dos saberes adquiridos com o curso de PLP (a violência contra a mulher) e daqueles anteriores, da experiência comunitária (aprender a “se portar”). Penso que o “tudo” de sua resposta tem a ver com algo inseparável - a educação e o trabalho que fizeram parte da formação da pessoa Suzana em suas várias atuações como mulher (e aí está presente também seu lugar de fala). Suzana foi uma ativa lutadora em uma sociedade patriarcal que ainda tolera, às vezes impunemente, crimes contra mulheres.

A ONG Themis traz essa perspectiva no nome da entidade: Gênero, Justiça e Direitos Humanos. Assim, não é de estranhar que Suzana voltou a responder novamente “tudo”, quando lhe perguntei sobre os aprendizados no curso de PLP:

Ai, meu deus, tudo, tudo, tudo. Eu aprendi os meus direitos, que eu não imaginava que todos os direitos que eu tenho...a gente não imaginava. Porque eu vim do interior, pra começar, né. Até a gente aprender tudo isso, é muito difícil. Aprendi sobre os direitos da mulher, e assim eu fui indo, fui indo. Nós trabalhamos muito. Nós vimos muita coisa nos atendimentos [...].

Ela foi uma das voluntárias do Serviço de Informação à Mulher (SIM), projeto da ONG Themis em que as PLPs capacitadas atendiam mulheres na busca por justiça e pelo esclarecimento de seus direitos.

Estas respostas, entre uma escuta de vídeo, áudio, ou observação de fotos impressas, me levaram a crer que Suzana reconhecia seus saberes, bem como o valor de sua experiência e do ativismo de sua trajetória (o que Mariley denominou “bagagem”). Não se tratava do valor material, econômico, fruto do capitalismo, mas daquele resultante de um trabalho coletivo, por um bem comum.

O desabafo de que agora se sentia excluída pode indicar que a Radioweb foi uma (outra) forma de inclusão dentro de sua realidade - de comunicação, educação, trabalho - e que teve relevância, ao menos naquela fase de sua vida. “Exclusão”, a palavra que usou para descrever seus sentimentos, tem um forte significado nas lutas de movimentos sociais, por moradia, pelo direito à saúde, à educação, à justiça – situações pelas quais Suzana não só havia passado, mas vivido intensamente, coletivamente, atuando ativamente.

Lembrou que a Radioweb foi uma ponte para que se apropriasse de seu “Mercedes Benz”, como nomeou o computador que tinha em casa. Observou que só passou a utilizá-lo a partir de sua participação no projeto com a rádio. Creio que posso relacionar essa comparação do computador com o carro - que é um veículo de preço alto, e simboliza o status, geralmente masculino, dentro de uma sociedade capitalista -, ao fato de ter sido adquirido com suas economias, e sobre o qual ela queria ter domínio e independência.

Sobre o projeto de Radioweb, Suzana disse:

Ai, nós fizemo tanta coisa boa! Aprender a ligar o computador, a editar, a gravar. Ô, meu Deus!

Orgulhosa, relatou a vez em que, num dos grupos em que atuava, falou para uma professora que sabia como ligar um equipamento eletrônico porque tinha aprendido no projeto de rádio. Esse orgulho apareceu também ao comentar as fotos da sua participação em uma

palestra na UFRGS e no curso de Educomunicação na PUCRS, representando as PLPs Vozes em Ação. Interpretei esse sentimento demonstrado na entrevista como o resultado de um saber técnico adquirido com a Radioweb, que pôde ser multiplicado em outras situações, e que foi adicionado a seus outros saberes políticos e emancipatórios.

Eu me senti importante, porque olha... na frente dos estudantes, eu me lembro bem. Depois eu contei em casa, pra minha irmã.

E o que ficou faltando no projeto de rádio?, perguntei-lhe então. Ao que ela respondeu:

Eu acho que faltaria mais atenção e mais movimento em torno dela. [...] De fazer a rádio, fazer funcionar. Na comunidade ou nas comunidades.

Ver-se e escutar-se em um passado recente, após tantas lutas e perdas (de familiares, de saúde), pode ter provocado um desconforto, e por isso a observação de sentir-se excluída, mesmo tendo, como afirmou, um diploma de vida. No entanto, ao assumir como seu esse diploma, Suzana está dizendo que tem muitos saberes acumulados. No seu “tudo” e todo, eu estou propensa a acreditar, pelo que foi dito, que está potencialmente incluída a práxis crítica.

5.2.9 Keka

A entrevista foi feita na casa da participante, onde fui carinhosa e respeitosamente acolhida, como uma velha amiga. Keka disse que havia visto ou ouvido apenas parte dos documentos enviados por Whatsapp. E aqui faço uma constatação: o uso do celular, e das telas de uma forma geral (computador, televisão), especialmente durante e após a pandemia de Covid-19, gerou um cansaço psicológico e uma banalização de mensagens por meios como o Whatsapp. Existe uma exposição excessiva de estímulos por todos os meios de comunicação. A entrevistada demonstrou esse cansaço quando ressaltou que não queria se viciar em celular, porque via como as pessoas chegavam a sua casa e ficavam o tempo todo mexendo no telefone.

Keka ouviu pacientemente a leitura dos Termos de Consentimento, e os assinou sem titubear. Antes mesmo de eu começar a entrevista, fez questão de lembrar do tema de uma das oficinas sobre o qual havíamos conversado durante o projeto de Radioweb. Falou da sua vontade, às vezes, de dar “um tapinha” em algumas crianças com as quais convivía em suas atividades comunitárias. A expressão “tapinha” remetia a uma entrevista feita pelas PLPs na sobre a música “Tapinha não dói”, contra a qual a ONG Themis moveu uma ação na Justiça

por incentivar a violência contra as mulheres. Keka citou a música para dizer que algumas crianças mereciam às vezes “um tapinha para aprender a respeitar”.

O desenrolar da entrevista foi me dando pistas para compreender o que queria dizer. Revelou que ela própria havia sido vítima de violência por parte do marido, mesmo após ter concluído o curso da ONG Themis, que justamente treinava lideranças comunitárias para a prevenção e a denúncia de violências e abusos contra os direitos das mulheres. Relatou esse fato com uma segurança na voz, narrando o quanto havia sofrido, e como não conseguia sair dessa situação porque, como disse, para ela (e para sua mãe) essa violência era natural, sempre foi assim.

Talvez por isso tenha reiterado em nosso reencontro sua dificuldade de entender o que é Racismo, e de identificar se uma ação é ou não racista, mesmo sendo negra. A conversa sobre este tema – ao qual me estendi um pouco mais na entrevista – foi suscitada pelos textos que levei para uso como mediadores das memórias. Nós os havíamos lido coletivamente em uma oficina de leitura crítica da mídia durante o projeto de Radioweb. Naquela ocasião, ela levantou a questão (inclusive da mesma forma): “Não consigo entender essa coisa de racismo”.

Seguiu-se a esta revelação, em um momento da entrevista para esta pesquisa, um diálogo muito rico sobre situações trazidas por Keka, e argumentações mútuas sobre ser ou não um caso de racismo. Não era objetivo do momento, mas diante da repetição da dúvida, os textos levados para suscitar lembranças foram sugeridos como (re)leitura.

Outro ponto que chamou a atenção foi um comentário de que ela se informa (ouve notícias) em uma estação de rádio que, como ela classificou, “é do Bolsonaro” (referindo-se ao presidente Jair Bolsonaro, declaradamente racista, homofóbico, misógino, e cujo governo desmontou políticas de defesa de direitos humanos, entre elas, as de prevenção à violência contra mulheres). Mas, ressaltou, “é uma rádio que explica o que está acontecendo”. Os argumentos utilizados por Keka para defender o fim das cotas raciais na reflexão feita durante esta pesquisa sobre Racismo se assemelham aos de uma parcela da população que também é contra as cotas, sem questionar as raízes racistas e excludentes que as justificam. Suponho que o diálogo retomado na entrevista possa ter estimulado novas reflexões sobre Racismo. E não tenho dúvida de que este tema demanda mais conversas.

Keka havia discutido sobre esta questão nos programas da Radioweb, na oficina de leitura crítica da mídia realizada dentro do projeto de rádio, e no curso de formação de PLP da Themis. Entretanto, as “bagagem” de violência vividas em casa, na sociedade, no trabalho,

são experiências de uma pessoa muito singulares e muito complexas. Vão além de um período de oficinas, cursos, conversas. Demandam sororidade, solidariedade, historicidade. Keka pareceu estar imbuída do senso comum, do discurso hegemônico da mídia, em suma, do que pode causar um governo e seus apoiadores ao defenderem a abolição dos estudos de educadores como Paulo Freire.

A escuta dos áudios e vídeos, feita por e junto com Keka, me possibilitou descobrir, ao mesmo tempo em que ela o fazia, o valor dessa experiência com a rádio. Mais uma de uma vez, Keka afirmou:

Tava bom. Tá ótimo, né? Acho que, naquela época, a gente se expressou muito bem(após uma entrevista feita por ela).

Ai, nós tamos bem firmes, né? Nós tava bem, né? Agora que eu...Sabe? Eu tô me dando por conta, assim, como a gente tava bem. Né? (disse, sorrindo).

Ah, eu gostei. Eu gostei! Eu achei que tava muito... Nós estávamos muito bem, entendeu? (questionada se havia gostado da pergunta que tinha feito em um programa)

Depois de ouvir a entrevista com a presidenta da Fenatrad, um dos documentos mediadores das memórias, relatou que conhecia uma pessoa que trabalhava como doméstica e que não recebia o Fundo de Garantia. Nessa hora, Keka mostrou sua práxis:

Eu disse pra ela: isso aí... tem coisas que a gente tem que olhar, porque cada dia muda. A lei muda, né? Até a lei pra aposentadoria já mudou duas ou três vezes, e eu não sabia. Então, assim, na verdade tu tem que te atualizar todo dia [...].

Em seguida, exemplificou com uma situação de mau atendimento em um posto de saúde na sua comunidade:

Agora de manhã a gente teve um incidente aqui no posto, né, e aí eu comentei com as pessoas que tavam ali. Eu digo: por que que isso aí tá acontecendo? Vocês já foram ao fundo, por que que elas fazem isso? Elas são empregada, igual a eu, igual a ti. Elas tão cumprindo ordem! Se, assim, ó: se nós todas se reunissem e viessem aqui, todo mundo saberia por que que isso acontece. Aí nós poderia sair daqui, ir ali, ir lá, e lá! Entendeu? Mas não!

Ao final, Keka afirmou que se inscreveu no projeto de Radioweb porque gosta de “ter conhecimento”:

É, porque era coisa nova, era coisa diferente. Entendeu? Eu gosto, assim, de ter conhecimento das coisas. Eu posso até não entender. Mas eu gosto de conhecer, de participar. Quero estar sempre... me atualizando. Até agora há pouco fiz um curso online.

Eu queria saber *seede que forma* o projeto de Radioweb havia sido útil na sua vida. Ela respondeu:

Assim, ó, a comunicação. Porque eu era muito...não queria falar, sabe? Ficava muito quieta no meu canto, deixava todo mundo falar. Que, aliás...Eu ainda continuo. Primeiro, escuto. Depois, eu falo. Às vezes, não entendo. Às vezes, ainda tenho aquele receio de perguntar. Mas isso aí me abriu mais. [...] Me ajudou. E agora, também, eu consigo participar ali no clube de mães.

Keka lembrou de como fazia roteiros, discutia pautas e escrevia o que iria gravar. Mais do que isso: ressaltou que gosta de escrever. E que foi uma pena a rádio ter durado pouco. Se houvesse mais investimento, acredita, continuaria o projeto.

Nesse momento da entrevista, ela foi incentivada a descrever como imaginava que seria a rádio, se fosse retomada com a sua experiência atual. A descrição que fez, sob a ótica da Educomunicação e da TS, poderia ser considerada um indicador de práxis:

Nessa rádio, nós iria se comunicar com várias...não só PLPs, né, mas com a comunidade toda. Porque aqui tinha uma rádio lá... não era bem uma rádio, ele tinha um alto-falante, então ele se comunicava assim. O bairro todo sabia o que tava acontecendo no dia a dia, né. Eu até não sei como é que era o aparelho dele, não sei como ele fazia. Enfim. Sabe? Mas ele tinha essa rádio. Então, assim, a gente sabia quem morreu, quem vai casar, o horário da missa, que horas era o horário do ônibus, o primeiro horário do ônibus, o segundo horário do ônibus, o último horário do ônibus, o que tinham tirado, o que não tinham. Então, a gente não precisava sair daqui. Não precisava tu olhar o jornal, na verdade. Claro que a gente lia o jornal. Mas, ó: tu não tinha dinheiro pra comprar jornal, coisa e tal, tu escutava a rádio. Às vezes, até dizia: ah, o que que houve, que hoje não se comunicou com a gente? Às vezes era o vento! (que interferia).

Perguntei por que seria importante uma rádio das mulheres PLPs. Ela trouxe sua prática do trabalho:

Pras mulheres ficarem sabendo dos seus direitos e seus deveres. Entendeu? Porque isso aí seria informativo, né? Seria informativo pra todas. Porque, assim, ó: às vezes, perguntam pra gente: o que que é PLPs? Não sabem. Aqui na minha rua, acho que ninguém sabe que sou PLP. Porque aqui tem...um trajeto meio pesado, entendeu? E, assim, a gente vê às vezes as polícia aí, mas nem eles sabem que sou PLP! Porque, na verdade, a gente não tem como se identificar como PLP, precisava ter um documento, uma carteira, alguma coisa. Como eu vou provar que sou PLP?

Esses saberes adquiridos no dia a dia do trabalho e na visibilidade que a rádio lhe proporcionou ao dar uma palestra na UFRGS, e ao representar o projeto de Radioweb em um curso de Educomunicação na PUCRS, de alguma forma, ainda ecoavam dentro dela. Na

UFRGS, sentiu-se uma “professora”, disse, “que foi levar novos conhecimentos”:

Ah, eu acredito que eu fui levar novos conhecimentos para aqueles alunos, que era uma coisa que eles não conheciam. Entendeu? É a mesma coisa: uma professora de matemática, quando vem com uma matéria nova, sabe? Então, eu me senti assim...ah...lá em cima! Uma professora!

Se pudesse retomar a Radioweb, Keka afirmou que a usaria para denunciar a impunidade e a violência contra crianças e idosos. Ela parou para pensar se seria possível essa retomada:

Então, enquanto a gente tá na ativa, a gente tá cada dia aprimorando mais. Mas aí a gente parou [...].

Refletindo sobre a própria fala, acrescentou:

Acho que a gente estaria com um pique melhor agora. Porque agora a gente já tem conhecimento. Né?

Escutar-se foi revelador para Keka. Sua entrevista pode indicar que, para chegar à práxis crítica é necessário um aprofundamento dos dramas e das conquistas de cada pessoa, apoio e tempo para digerir essas experiências. A TS e a Educomunicação parecem ter despertado nela o desejo de buscar mais informações. Foi devido a uma dúvida revelada durante o projeto de Radioweb que refletimos juntas, naquela época, e agora, na entrevista para a pesquisa, sobre Racismo. E, ao mesmo tempo, em suas falas, demonstrou uma consciência sobre a falta de políticas públicas na saúde, espaço em que atua como conselheira. É dessas contradições, diria Paulo Freire, e das reflexões sobre elas, pelo diálogo, que a práxis acontece.

5.2.10 Tamara

A entrevista foi feita no local de trabalho de Tamara, onde presta atendimento para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Ela já trabalhava ali durante o projeto de Radioweb. Tamara fez questão de me mostrar o lugar. Teve de interromper mais de uma vez a entrevista para conversar com as pessoas que iam buscar atendimento, ou para resolver o que descreveu como “impasse” de uma usuária.

Iniciou a conversa dizendo: “Já peguei Covid, já aconteceu tanta coisa, ih...”Esta fala e o entra e sai durante a entrevista e a relação com o tempo e a pandemia me fizeram supor que ela queria que eu soubesse o quanto esteve e continua na ativa, atuante em causas sociais.

Frequentemente, mesmo antes do contato para a entrevista, ela publicava fotos destas ações no Whatsapp, ou no Facebook.

Com o propósito de fazer a pesquisa, eu havia sido convidada a ingressar em seu mundo, o local onde *ela* detém uma posição de detentora de saberes, uma função social. Isto ficou claro quando Tamara disse que várias profissionais – muito melhor pagas que ela – haviam lhe procurado buscando informações e conhecimentos que ela tinha como profissional que trabalha “na ponta”. Entendi que se referia aos saberes derivados da sua experiência de trabalho, aprendizagens de quando se tornou PLP:

Como Promotora Legal...eu tive o meu empoderamento. Eu penso que é um projeto da Themis muito bacana, porque são mulheres líderes comunitárias que não têm a formação da escrita, mas têm a faculdade da vida. Esses gestores que tão assim, ó, eles aprendem com nós. Eu tenho colegas minhas que elas têm faculdades – eu tenho uma que tem três faculdade! – e não sabe a metade do que eu sei. E eu não ensino. Sabe por que que eu não ensino? Eu não acho justo eu ensinar uma pessoa que ganha sete, oito, dez mil reais! E eu, que não ganho um centavo, tá ensinando uma branca – né, e eu não sou racista –, tá ensinando uma branca que ganha *bem* (obs: enfatiza o bem) pra trabalhar, e eu...Não ensino. Não ensino. E aqui, nessa mesa aqui, só senta ou os estagiários pra fazer atendimento com os usuário, né, das política pública, ou eu sento aqui. Eu não deixo *ninguém* (obs: enfatiza o ninguém) sentar aqui. Aqui eu conquistei. Eu aprendi com a Themis e eu conquistei esse lugar. E o que tu conquista, ninguém te tira!

Tamara denominou “faculdade da vida” a esse “empoderamento”. Considero que poderia fazer uma relação com o conceito de trabalho como princípio educativo.

A questão da classe social, raça e gênero esteve sempre presente em suas falas e gravações nos programas de que participava na Radioweb. No nosso (re)encontro ficou nítida essa inter-relação entre opressões e hierarquias que lhe foram impostas ao longo da vida. Na entrevista que me concedeu para a pesquisa, afirmou qual era seu Lugar de Fala:

Tem que provar todo dia que tu é melhor que o branco. Isso é uma verdade. Se chegar tu, sem conhecimento, sem diploma na mão, tá? Ou chega eu com diploma na mão, com conhecimento, com quem que eles ficam empregado? Com o branco! Não comigo, que sou negra! Entendeu?

Tamara utilizou como argumento a explicação sobre o Racismo implícito contido na afirmação “Menor mata adolescente . Ela o fez antes de eu lhe (re)apresentar na entrevista o documento de texto com esta frase, que havíamos discutido durante a oficina de leitura crítica da mídia no projeto de Radioweb. Nosso diálogo se desenvolveu da seguinte forma:

Tamara: É porque assim, ó. Ah,, pegaram um pivete! Tu nem imagina que é um loirinho dos olhos azul! A polícia pegou lá um ladrão. Tu só imagina: é um negro.

Pesquisadora: (mostrando a folha onde se lê: “Menor mata adolescente”) lembra quando a gente discutiu justamente isso que tu tá falando?

Tamara: Sim. Então, a gente nunca imagina... por exemplo, assim, a mulher vítima de violência. Qual é a classe que fica? É a pobre, e a mulher negra! Né? O índice maior é elas, né. Porque, geralmente, a mulher negra e pobre, geralmente são serviço inferior, né? Porque muitas mulheres deixam de estudar para ajudar os pais dentro de casa, quando são solteira, ou, quando casam, pra ajudar o marido, né? E aí, qual o serviço que resta? É ser ou diarista, ou doméstica. É o que resta! Porque, hoje em dia, doméstica tão pedindo o segundo grau, agora, né? [...] Antigamente, tu sabia escovar um chão, cozinhar bem, tu tava empregada. Hoje em dia, não, tem que ter a unha bonitinha, com boa aparência, boa dicção, tudo isso... atender um telefone, anotar alguma agenda. Então, hoje em dia não tá fácil, também, ser doméstica.

Nas paredes da sala em que conversamos, observei que havia fotos e folhas impressas com registros de ações em seu trabalho. Informou que aprendeu no curso de rádio “a parte da tecnologia”. Ressaltou que fui eu que a ajudei a montar seu primeiro perfil no Facebook, e que no projeto de Radioweb começou a fazer fotos e a documentar sempre as atividades que realiza:

Por exemplo: eu só ligava e desligava o meu celular. Agora eu sei fazer tudo nele, né? Eu sei fazer tudo.

Disse que, se fosse possível de novo fazer programas de Radioweb, iria aproveitar para divulgar o seu trabalho:

Promotora Legal não é só atender a mulher vítima de violência, né? As Promotoras Legais tão todos os lugares, em todos os conselho, né? Seria legal pra isso, pra divulgar o nosso trabalho.

Ponderei que havia outras rádios que poderiam divulgá-lo. Ela contestou:

Não. Nem tudo sai. Que eles acham que nós atendemos só a violência doméstica. Tu passou uma tarde aqui, tu viu, né? Não é só atender a violência doméstica, né? A gente atende *otodo*, entendeu? (Obs: enfatiza “todo”) [...] As dificuldade que as pessoas trazem pra gente, né, que não chega até o governo. Tendo a rádio, ia chegar até o governo.

Tamara pareceu ter incorporado a luta contra-hegemônica nos seus discursos, e essas batalhas, aparentemente, vêm sendo desenvolvidas e aprimoradas a cada capacitação, projeto, formação, incorporando saberes, disputando narrativas:

E geralmente as pessoas que têm a...os acadêmico, eles não têm a prática, entendeu? Ai eles aprende até com nós, muitas vezes, sabe? Porque...tem um saber acadêmico e tem o saber popular. Tu sabe, a popular é quem tá na

ponta. Não é verdade?

Analisando sua entrevista a partir dos conceitos, e revendo sua participação no projeto de Radioweb, parece-me que o processo educativo, embasado na Educomunicação e no uso da TS, contribuíram para o adensamento de sua práxis, como práxis crítica. Ela descreveu como passou a utilizar o saber tecnológico, político e emancipatório adquirido com a oficina de Radioweb para amplificar a visibilidade de seu trabalho comunitário, social, transformador de realidades na luta de classes.

5.2.11 Considerações sobre as entrevistas individuais

Neste item faço considerações gerais, relacionando com os objetivos da pesquisa e o referencial teórico, a respeito dos conteúdos das entrevistas. Minha pesquisa identificou sinais de uma práxis crítica, ou seja, de uma atuação questionadora da realidade para superar desigualdades sociais, preconceitos e injustiças, entre estas mulheres, resultado do uso da Rádio Móvel e das reflexões nos nossos encontros na época, que se somou às militâncias destas mulheres em movimentos sociais, no trabalho, nos cursos que vieram a fazer, na ação como PLPs. Mas esta práxis pode ter acontecido em intensidades diferentes, devido às singularidades de suas histórias de vida. Em alguns casos, isso permitiu problematizar o senso comum e questionar os discursos hegemônicos, contribuindo para ampliar as ações das PLPs na perspectiva de transformação social.

Havia no grupo estudado duas mulheres de pele negra e duas de pele branca, como os documentos públicos mostram. Tentei identificar nas análises o seu Lugar de Fala, e a sua resposta a formas de pensar e agir do senso comum. Busquei indícios nos seus depoimentos sobre incorporação, ou não, em suas vivências de uma postura de reflexão sobre a comunicação, seu papel hegemônico, sua influência no dia a dia, tendo como referência as gravações feitas durante o projeto de Radioweb em que puderam exercitar, no processo de Educomunicação proposto, o pensamento crítico através do diálogo.

Trago aqui algumas frases e expressões utilizadas pelas participantes que analisei nesta pesquisa. Um dos documentos que levei para a reflexão atual, que tinha sido usado em uma oficina de leitura crítica durante o projeto da Radioweb, foi a frase “Menor mata adolescente”. Quem é menor? No imaginário social, apoiado pela mídia, é sempre um garoto negro, embora seja ele também um adolescente.

Neste caso, ao trazer novamente este documento, houve dois tipos de resposta durante a entrevista presencial. Uma das mulheres observou que ainda não entendia muito bem a questão do racismo. Outra, respondeu:

Pegaram um pivete! Tu nem imagina que é um loirinho dos olhos azul! A polícia pegou lá um ladrão. Tu só imagina: é um negro. Tu tem que provar todo dia que tu é melhor que o branco. [...] Se chegar tu, sem conhecimento, sem diploma na mão, tá? Ou chega eu com diploma na mão, com conhecimento, com quem que eles ficam empregado? Com o branco! Não comigo, que sou negra! Entendeu?

Aqui não estava em questão o quanto uma ou outra participante lembrasse mais ou menos da frase, mas o que levou uma delas ter manifestado não estar segura ainda sobre o que é racismo, enquanto a outra havia desenvolvido um pensamento crítico sobre o tema.

E neste ponto, considero que a análise de quanto todas as pessoas são influenciadas pelo senso comum e por meios de comunicação que distorcem a realidade têm efeito do ponto de vista do exercício da hegemonia das classes dominantes sobre o conjunto da população. Ouvir uma rádio que apoia um governo racista, ou estar imerso em um país onde a violência e o racismo estrutural são tão fortes que se tornam naturalizados faz a diferença –estão introjetados nas histórias de vida de cada pessoa. É preciso discutir, refletir, e discutir novamente, e refletir sempre, para chegar a uma práxis capaz de romper com essa naturalização e banalização.

As quatro entrevistas evidenciaram a potência formadora (e deformadora) do trabalho. Indicaram haver um “fluxo” contínuo de vai e vem de saberes (formas de ler, agir e atuar) entre os cursos que fizeram e fazem, as experiências de ativismo social vividas, e o trabalho formal, assalariado. A capacitação feita pela ONG Themis para se tornarem PLPs as levou para um outro tipo de trabalho, por vezes voluntário, que foi sendo aprendido no fazer junto às comunidades. Educação e trabalho estão misturados na formação e na existência destas quatro mulheres que participaram do projeto de Radioweb.

Há fortes indícios de que houve uma práxis tecnológica (e comunicativa) derivada deste projeto de Radioweb. A apropriação destas tecnologias pode levar à ampliação das ações destas mulheres para a práxis crítica. Ela se expressa nas falas durante as entrevistas:

Eu só ligava e desligava o celular. Agora eu sei fazer tudo!

Ai, nós fizemos tanta coisa boa! Aprender a ligar o computador, a editar, a gravar...

Eu ficava muito quieta no meu canto, deixava todo mundo falar. [...] Mas aí

me abriu mais. Me ajudou.

Eu (me inscrevi na oficina de Radioweb) porque queria aprender mais, principalmente a lidar com o computador, né? As pessoas que tavam passando pra nós, a gente só tinha que se somar com elas, e foi o que aconteceu.

Foram desvendando os meandros dessa práxis em graus diferentes, que podem ter a ver com a falta de memória ligada à saúde, ou às experiências que possam estar associadas ao período pesquisado. Mas todas citaram expressões (por exemplo, “eu acredito”, em vez de “eu acho”) ou interpretações da realidade (“menor mata adolescente, o menor é sempre negro!”) indicando a presença de marcadores significativos daquela experiência.

Na retomada de nossas conversas, identifiquei termos como “ter muita bagagem” (mesmo antes do curso de PLP e da Radioweb), ou ter um diploma de vida, ou estar na faculdade da vida, no trabalho “de ponta”. Considero que são indícios de que há um saber de trabalho, e que a nova escuta proporcionada pelas entrevistas durante a pesquisa contribuiu para que tais saberes fossem reconhecidos por elas.

Acredito que a formação apoiada numa abordagem da Educomunicação e na TS deram uma contribuição importante às suas práxis, ainda que para algumas delas tenha sido, aparentemente, menos conscientemente perceptível. As faíscas de lembranças despertadas nas memórias, a partir da apresentação dos documentos, desencadearam um processo afetivo, e também uma volta a um passado extremamente rico de experiências e de práticas que as conduziam, paulatinamente, rumo a ações de transformação emancipatória – suas e de outras mulheres. Mas em seus caminhos havia (e ainda há) limitações, vividas singularmente, que estão entranhadas, enraizadas nas suas histórias de vida, talvez mais do que qualquer projeto ou curso pode alcançar, especialmente em espaços de tempo curtos, como foi o caso do curso.

Encaminho algumas questões que ainda não consegui responder com esta pesquisa, mas que talvez sirvam para análise em outros projetos futuros, meus ou de outras pessoas:

- o uso da TS da Rádio Móvel e da Educomunicação teria levado a um resultado diferente no que tange à práxis crítica e à transformação emancipatória, junto ao ambiente de trabalho e de educação, se as mulheres participantes do projeto de Radioweb fossem mais jovens, isto é, estivessem em outra fase de duas vidas?
- E se estas mulheres já não tivessem os saberes e as experiências do trabalho como PLPs?
- E se elas não tivessem, além desses saberes e experiências, o ativismo e as atuações

em movimentos sociais e conselhos das comunidades, como tinham ao participar do projeto de Radioweb, quais seriam as implicações do curso como este?

- E se não tivessem experimentado o trabalho assalariado, explorador, e as dificuldades de seu Lugar de Fala?

Retomo estas questões e apresento outras nas conclusões finais.

6 CONCLUSÕES

Esta pesquisa buscou identificar se a participação na oficina de Radioweb com a Rádio Móvel associada às práticas de Educomunicação promoveu alguma mudança de pensamento ou comportamento das PLPs, resultando em ações de transformação social e emancipação nas suas esferas de atuação e na vida pessoal, tanto na educação como no ambiente de trabalho. Meu objetivo era analisar como essa práxis se manifesta seis anos após o encerramento do projeto.

Penso que a maneira como conduzi as entrevistas foi a mais adequada à proposta desta pesquisa. Realizar a seleção de documentos públicos para contribuir com as entrevistas no sentido de trazer para o momento atual memórias da experiência de formação vivida foi essencial para responder, pelo menos em parte, à hipótese desta dissertação. Particularmente, sem a transcrição prévia de áudios e vídeos, teria sido improvável obter o nível de qualidade das respostas. Aqui quero destacar que este procedimento me provocou a rememoração e reflexão cuidadosa, de como - em termos de forma e conteúdo - fazer a entrevista. Devo dizer que ampliei minha própria consciência do que foi realizado nos cursos; agora com um distanciamento provocado tanto pelo tempo como pelas conceituações e interrogações de pesquisa.

O exercício de pegar no megafone tinha ficado no passado, e eu as provoquei para que o revivessem por meio de fotos, textos, imagens, perguntas. De certa forma, considero que as entrevistas realizadas presencialmente em 2022 foram uma espécie de segundo encontro da pesquisa, para devolução de fotos e vídeos feitos anteriormente. Como se, realizando esta dissertação, estaria fechando um ciclo para mim e para elas. Portanto, as perguntas do tipo “o que significou?” ou “lembra, conte como foi”, serviram tanto para as participantes como para mim.

Avalio que alcancei meus objetivos específicos e, além disso, considero como um resultado, não previsto (em termos de objetivo a alcançar) os caminhos metodológicos que adotei nas entrevistas. Em particular o uso cuidadoso de documentos como recurso relevante para processos de rememoração que contribuem com o adensamento do conteúdo das entrevistas. Penso que o caminho adotado merece análise e, quiçá, uso por outros pesquisadores e pesquisadoras. Parece-me uma contribuição metodológica para a pesquisa qualitativa nos campos da Educação e Educomunicação.

Foi por meio destes documentos que obtive observações espontâneas sobre a

importância de estar sempre aprendendo, e como exercitaram mexer no computador e a fazer fotos na oficina de Educomunicação. A TS não foi um promotor do ativismo, elas já vieram munidas de bagagem própria, como fizeram questão de lembrar e afirmar nas entrevistas. Mas só se deram conta da riqueza e do potencial que haviam produzido no projeto de Radioweb ao se ouvirem e verem nas entrevistas, fotos e momentos vividos, registrados cuidadosamente como testemunhas de suas histórias.

Minha experiência com estes projetos de Educomunicação e Rádio Móvel ao longo dos anos me permite dizer que é preciso ampliar diálogos e escutas entre proponente/pesquisadora e participantes, divulgar e refletir sobre os processos. As PLPs Vozes em Ação produziram entrevistas riquíssimas e atuais com conteúdo que merece ser escutado, degustado, refletido. Educomunicação é processo. A (re)escuta agora propiciou falas como a desta participante:

Agora eu tô me dando conta [...] naquela época, a gente se expressou muito bem. Acho que a gente estaria com um pique melhor agora. Porque agora a gente já tem conhecimento. Né?

Esperava que todas lembrassem dos textos e reflexões sobre racismo, porque este foi um tema recorrente na rádio. No entanto, constatei que as diferenças de experiências, essas singularidades da vida de cada uma, com suas cargas de realidade, também interferem na leitura do mundo, como diria Paulo Freire. E por isso, para algumas pessoas, o tempo é outro para chegar à práxis crítica. Os conceitos de diálogo, hegemonia e contra-hegemonia, senso comum e lugar de fala me possibilitaram compreender por que, tendo passado pelo mesmo curso de formação em Direito pela ONG Themis, e pela mesma oficina de Educomunicação e TS, havia ainda contradições em alguns discursos. Através dos conceitos de saberes do trabalho e trabalho como princípio educativo, tracei um diagrama de um fluxo intenso permeador da vida destas mulheres.

Durante o Mestrado, passei de jornalista a pesquisadora, incorporando a investigação científica à minha práxis. Ao selecionar os documentos para esta pesquisa, pensei em qual seria o seu objetivo real. Não queria que fosse apenas um projeto narcisístico, como advertem Jesús Martín-Barbero e Berkin (2017). Que contribuição poderia então ter para essas mulheres, para a ONG Themis, e para os campos da Educação e da Comunicação? Voltei frequentemente a esse ponto ao escrever a dissertação. Minha percepção é que, no processo de Educomunicação, a palavra (escrita, falada, ouvida) pode provocar reflexões e alterar “práxis” pessoais. Mas a prática só ganha a dimensão de promover uma efetiva transformação social

quando sai de um grupo fechado que a produz para os lugares de seus e de suas protagonistas, e mais além, para os locais de educação, trabalho, comunidade, família, amigos e amigas, quando é ouvida, lida, refletida por outras pessoas que participam ou não do mesmo projeto profissional, educativo ou de vida. Além disso, a práxis crítica precisa ser constantemente exercitada, usufruída, questionada, repetida, tomando cuidado para respeitar o tempo de cada pessoa.

Fui “tocada” por estas mulheres profundamente. Jesús-Martín Barbero e Sarah Corona Berkin chegaram à instigante conclusão sobre a importância de se “arrepisar”, quando sugerem “ver com os outros” na comunicação intercultural. Propõem aos pesquisadores e pesquisadoras se deixarem ser tocados:

Para conseguir esta experiencia, la propia identidad debe ponerse en pausa y dejar que el otro la altere para empezar a sentir la hondura de su otredad. El segundo momento no es inmediato; tarda en ser descifrado. La experiencia que se siente es compacta, densa, comprimida. Es ‘algo que me pasó’, no ‘algo que pasó’; por lo tanto es necesario extender, desenrollar, entender. Ver con los otros tiene que ver con sentir y también con explicar. (MARTÍN-BARBERO; BERKIN, 2017, p. 156).²⁰

Cicilia Maria Krohling Peruzzo analisou as limitações de meios de comunicação popular depois de pesquisar práticas comunicativas na América Latina. Segundo a autora, apesar de ser um campo rico em significado político e cultural, na comunicação feita por meios populares a abrangência tende a ser reduzida, porque estas mídias “atingem apenas uma parcela de leitores, ouvintes e espectadores potenciais, quase sempre os já conscientizados ou sensibilizados para a luta” (PERUZZO, 1998, p. 149) Nos anos 1990, ela cogitava que o motivo seria a escassez de recursos materiais. Nos anos 2000, com as redes sociais, tudo levava a crer que esse não seria mais um problema. E, de fato, a Rádio Móvel, construída como uma TS, e a Educomunicação poderiam- ser uma alternativa para suprir essa limitação.

Mas talvez seja preciso ampliar os olhares e as escutas coletivas, desatando os nós das redes e furando as bolhas (virtuais), ver com os outros e se “deixar tocar” para, de fato, contribuir com processos formativos para o desenvolvimento da práxis crítica por meio da TS e da Educomunicação. É este o desafio de um novo projeto de Radioweb em gestação para a ONG Themis em 2022, utilizando a Rádio Móvel: a disputa de narrativas em um ano eleitoral,

²⁰ “Para alcançar essa experiência, a própria identidade deve ser pausada e deixar que o outro a altere para começar a sentir a profundidade de sua alteridade. O segundo momento não é imediato; leva tempo para ser decifrado. A experiência que se sente é compacta, densa, comprimida. É ‘algo que aconteceu comigo’, não ‘algo que aconteceu’; portanto, é necessário estender, desenrolar, entender. Ver com os outros tem a ver com sentir e também explicar”, em livre tradução da autora.

a ser desenvolvida por e com jovens mulheres da periferia, quando estão em jogo a manutenção de direitos essenciais. A rádio já foi construída graças à colaboração de parcerias. Portanto, os resultados obtidos nesta pesquisa poderão em breve ser úteis para ampliar a inserção da TS e da Educomunicação nas lutas populares.

Para concluir, é importante lembrar que, no meio de meu Mestrado, a pandemia de Covid-19 chegou arrasando com vidas e deixando marcas e sequelas, como a falta de memória. As PLPs participantes deste estudo não escaparam de contrair o novo coronavírus, mas felizmente conseguiram se recuperar. Não posso deixar de referir essa tragédia internacional na dissertação. A Covid-19 é um marcador histórico de uma época em que se convive com mais medos, violências, orfandade de políticas públicas, destruição de matas e direitos. As participantes desta pesquisa são mulheres que fizeram o curso de PLP para ouvir e atender pedidos de ajuda de outras mulheres vítimas de abusos e violência – dois crimes que se multiplicaram durante a pandemia e no atual governo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Cláudio. **A Regra do jogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ARROYO, Miguel. G. O Princípio Educativo: O trabalho ou a resistência ao trabalho? **Teoria e Educação**, Porto Alegre: Palmarinca, p. 03-44, 1990.
- BELL, J. **Como realizar um projeto de investigação**. Lisboa: Gradiva, 1993.
- COHEN, L.; MANION, L. **Research methods in education**. London: Routledge, 1994.
- COULDRY, Nick. Pela primeira vez na história humana, a produção de conhecimento funde-se com a produção de lucro. Entrevista. **Instituto HumanitasUnisinos**. 12 mar. 2021
Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/607425-pela-primeira-vez-na-historia-humana-a-producao-de-conhecimento-funde-se-com-a-producao-de-lucro-entrevista-especial-com-nick-couldry> Acesso em: 17 mar.2021
- DAGNINO, Renato. **Tecnociência solidária: um manual estratégico**. Marília: Lutas Anticapital, 2019.
- EDUCOMUNICAÇÃO. Conceito. s/d. Disponível em:
<https://abpeducom.org.br/educom/conceito/>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- FISCHER, Maria Clara Bueno. Trabalho. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, pp. 401-403.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo *et al.* **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GLOCK, Clarinha. Os desafios do uso das mídias em sala de aula. **Extra Classe**, n. 11, dez. 2018. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/educacao/2018/12/os-desafios-do-uso-das-midias-em-sala-de-aula/> Acesso em: 20 mar.2021.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- ITS BRASIL. Tecnologia Social no Brasil. **Caderno de Debate**, São Paulo, 2004, p. 26. Disponível em: <http://itsbrasil.org.br/conheca/tecnologia-social> Acesso em: 02 abr. 2021.
- JOVCHELOVICH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin

W.; GASKELL George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 90-113.

KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 14, p. 68-75, 30 abr. 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36846> Acesso em: 01 dez. 2020.

KWET, Michael. A ameaça nada sutil do colonialismo digital. **Outras Palavras** [online], 15 mar. 2021. Disponível em: https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/a-ameaca-nada-sutil-do-colonialismo-digital/?fbclid=IwAR1HROHWQxjZt8sZabBg1ld9NDYlxFGYFfx-VCALBF0sb6_chPyQ4KwcVxo Acesso em: 17 mar. 2021.

LIMA, Grácia Lopes. Projeto Cala-Boca já morreu é tema de palestra e entrevista. **Eca/USP**, 6 abr. 2012. Disponível em: <http://www.cca.eca.usp.br/content/projeto-cala-boca-ja-morreu-tema-palestra-entrevista>. Acesso em: 15 de julho de 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; BERKIN, Sarah Corona. **Ver con los otros: comunicación intercultural**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2017. p. 175. (colección comunicación).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. 2v.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. 4ed. Lisboa: Gradiva, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351> Acesso em: 18 mar. 2021.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A Aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

VENDRAMINI, Celia. A contribuição de Thompson para a apreensão dos saberes produzidos do/no trabalho. **Educação UNISINOS**, São Leopoldo, v.10, n. 2, p. 123-12, maio/agosto 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/issue/view/54>. Acesso em: 14 jul. 2022.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PARTICIPANTE

PESQUISA: EDUCOMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA SOCIAL desafios e possibilidades de transformação na Educação e no Trabalho das Promotoras Legais Populares

COORDENAÇÃO: Profa. Dra. Maria Clara Bueno Fischer

Prezado(a) Sr(a)

Estamos desenvolvendo uma pesquisa para estudar os impactos das oficinas de Radioweb com a Rádio Móvel entre seus participantes. Esta pesquisa faz parte do projeto de Mestrado em Educação intitulado **EDUCOMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA SOCIAL: desafios e possibilidades de transformação na Educação e no Trabalho das Promotoras Legais Populares**, da pesquisadora e mestranda Clarinha Glock, sendo coordenado pela Profa. Dra. Maria Clara Bueno Fischer. Você está sendo convidada a participar deste estudo. A seguir, esclarecemos e descrevemos as condições e objetivos.

NATUREZA DA PESQUISA: Esta pesquisa tem como finalidade investigar se a participação nas oficinas de Radioweb com a Rádio Móvel promoveu alguma mudança de pensamento ou comportamento sobre a realidade das Promotoras Legais Populares (PLPs) participantes, resultando em um aprimoramento do pensamento crítico, em ações na escola ou no ambiente de trabalho.

Este projeto foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS), órgão colegiado, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar, emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito da instituição.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: Mulheres que participaram das Oficinas de Radioweb “PLPs Vozes em Ação” realizadas com a Rádio Móvel sob a coordenação da pesquisadora Clarinha Glock entre 2013 e 2016.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você será entrevistado, sendo que a entrevista será gravada por videoconferência, se for uma entrevista virtual, em função de cuidados necessários devido à Pandemia de Covid-19 ou outros impedimentos, ou com um

gravador digital, se for uma entrevista presencial. É previsto em torno de 40 minutos a uma hora de entrevista. No caso de entrevista presencial, o local será combinado previamente entre pesquisadora e entrevistada. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida. Caso a entrevista seja virtual, sugerimos que você imprima uma cópia deste Termo. Você também receberá uma cópia das respostas (por e-mail ou whatsapp).

SOBRE O QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA: Serão solicitadas algumas informações básicas/perguntas sobre as atividades desenvolvidas nas oficinas de Radioweb com Rádio Móvel, se você utilizou essas experiências em sua vida pessoal e profissional, e se continua utilizando.

RISCOS: Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na pesquisa, conforme a Resolução 466/2012 e a Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. Os possíveis riscos são mínimos, como arrependimento por dar a entrevista, por algo que disse (ou deixou de dizer), ou por expor alguma pessoa ou fato. Considerando a possibilidade de realização de entrevistas virtuais, há um risco mínimo de vazamento de dados, mas todas as medidas de segurança serão tomadas para evitá-lo. Todos os riscos serão resolvidos com encaminhamentos que garantam cuidados e respeito de acordo com a manifestação da respondente. A assinatura do Termo não exclui possibilidade de a participante buscar indenização diante de eventuais danos decorrentes de participação na pesquisa, como preconiza a Resolução 466/12.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Trataremos todas as informações sem que haja identificação de particularidades de cada entrevistado. Os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho expostos acima, incluindo a possível publicação na literatura científica especializada.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados para aprimorar as oficinas de Radioweb com Rádio Móvel, e possibilitar que mais pessoas se utilizem desta tecnologia, adaptando e melhorando as técnicas para novos projetos no futuro.

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Observação: no caso de entrevistas realizadas de forma virtual, não haverá ressarcimento pelo uso de Internet. E, neste caso, as participantes deverão utilizar a Internet em seu próprio local de trabalho, atuação ou

moradia.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre e esclarecida para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem.

Desde já, agradecemos a atenção e a participação. Caso queiram contatar a equipe, isso poderá ser feito pelos e-mails mariaclara180211@gmail.com e clarinhaglock@uol.com.br, ou pelo fone (51) 999119047 de Clarinha Glock, e ao Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS (51) 3308 3738, e-mail etica@propeq.ufrgs.br, Av. Paulo Gama, 110, Sala 311 Prédio Anexo I da Reitoria– - Campus Centro Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060.

ANEXO B**CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, entendi os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, concordo em participar.

Local e data: _____

(Assinatura do participante)

Eu, CLARINHA GLOCK, membro da equipe do projeto **EDUCOMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA SOCIAL: desafios e possibilidades de transformação na Educação e no Trabalho das Promotoras Legais Populares** obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento Livre e Esclarecido do sujeito da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

(Assinatura da pesquisadora responsável)

ANEXO C

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA

Eu, _____, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado (a) no projeto de pesquisa de Mestrado intitulado **EDUCOMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA SOCIAL: desafios e possibilidades de transformação na Educação e no Trabalho das Promotoras Legais Populares**, da pesquisadora Clarinha Glock, sob responsabilidade da Profa. Dra. Maria Clara Bueno Fischer, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas e em atividades educacionais.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz ficarão sob responsabilidade da pesquisadora responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o (a) participante.

Assinatura da participante

Local e data

Nome e Assinatura da pesquisadora

ANEXO D

DOCUMENTO 5 - TESTE DO PESCOÇO

1. Andando pelas ruas, meta o pescoço dentro das joalherias e conte quantos negros/as são balconistas;
2. Vá em quaisquer escolas particulares, sobretudo as de ponta como; Objetivo, Dante Alighieri, entre outras, espiche o pescoço pra dentro das salas e conte quantos alunos negros/as há . Aproveite, conte quantos professores são negros/as e quantos estão varrendo o chão;
3. Vá em hospitais tipo Sírio Libanês, enfie o pescoço nos quartos e conte quantos pacientes são negros, meta o pescoço a contar quantos negros médicos há, e aproveite para meter o pescoço nos corredores e conte quantos negros/as limpam o chão.
4. Quando der uma volta num Shopping, ou no centro comercial de seu bairro, gire o pescoço para as vitrines e conte quantos manequins de loja representam a etnia negra consumidora. Enfie o pescoço nas revistas de moda , nos comerciais de televisão, e conte quantos modelos negros fazem publicidade de perfumes, carros, viagens, vestuários e etc.
5. Vá às universidades públicas, enfie o pescoço adentro e conte quantos negros há por lá: professores, alunos e serviços;
6. Espiche o pescoço numa reunião dos partidos PSDB e DEM, como exemplo, conte quantos políticos são negros desde a fundação dos mesmos, e depois reflitam a respeito de serem contra todas as reivindicações da etnia negra.
7. Gire o pescoço 180° nas passeatas dos médicos, em protesto contra os médicos cubanos que possivelmente irão chegar, e conte quantos médicos/as negros/as marchavam;
8. Meta o pescoço nas cadeias, nos orfanatos, nas casas de correção para menores, conte quantos são brancos, é mais fácil;

9. Gire o pescoço a procurar quantas empregadas domésticas, serviçais, faxineiros, favelados e mendigos são de etnia branca. Depois pergunte-se qual a causa dos descendentes de europeus, ou orientais, não são vistos embaixo das pontes ou em favelas ou na mendicância ou varrendo o chão;

10. Espiche bem o pescoço na hora do Globo Rural e conte quantos fazendeiros são negros, depois tire a conclusão de quantos são sem-terra, quantos são sem-teto. No Globo Pequenas Empresas & Grandes Negócios, quantos empresários são negros?

11. Nas programações das Tvs abertas, acessível à maioria da população, gire o pescoço nas programações e conte quantos apresentadores, jornalistas ou âncoras de jornal, artistas em estado de estrelato, são negros. Onde as crianças negras se veem representadas?

Aplique o Teste do Pescoço em todos os lugares e depois tire sua própria conclusão. Questione-se se de fato somos um país pluricultural, uma Democracia Racial e se somos tratados iguais perante a lei?!

Fonte: Portal Geledés, Por Luh de Souza e Francisco Antero, no História Preta - Fatos & Fotos https://www.geledes.org.br/existe-racismo-brasil-faca-o-teste-pescoco-e-descubra/?gclid=CjwKCAjwq5-WBhB7EiwAl-HEklhsQ6UT3BIq-jANHaYONrGDxvrig6_mpReTjoVSDq1q8qK7Z687uhoCYjEQAvD_BwE Publicado em 08/07/2013. **Acesso em: 8 de julho de 2022**

ANEXO E**DOCUMENTO 6.1 - FOTO NA UFRGS**

Fonte: Clarinha Glock – Blog PLPs Vozes em Ação

ANEXO F

DOCUMENTO 6.2 – Foto na PUCRS



Fonte: Clarinha Glock – Blog PLPs Vozes em Ação

ANEXO G

DOCUMENTO 1 – Reprodução do Banner



"PLPS

Abrir mais um canal de comunicação das Promotoras Legais Populares (PLPs) com as comunidades em que atuam e com a sociedade em geral através de uma Radioweb para discutir questões de Gênero e Direitos Humanos.

Fonte: Reprodução do Pôster selecionado para o VI Educom. Crédito: Rosana Pozzobon

ANEXO H

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Disponível em: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/visao/publico/indexPublico.jsf>

